



Lacan in North ARMORICA

TRADUÇÃO, ORGANIZAÇÃO E NOTAS DE
FREDERICO DENEZ e GUSTAVO CAPOBIANCO VOLACO





Lacan in North Armorica foi como resolvemos chamar as conferências e entrevistas dadas por Jacques Lacan, em 1976, nos Estados Unidos da América e que o leitor tem, agora e pela primeira vez, traduzido para o português. Ele já havia estado por lá em 1966 proferindo o famoso Discurso de Baltimore e, antes dele, a peste, sob o comando de Freud, já tinha tentando se alastrar pelo continente aproveitando as portas abertas da Clark University. Mas agora os tempos são outros. Não se trata mais de narrar uma história, com ares de catequese, para infiéis. Não se trata mais, também, de introduzir conceitos basilares a um público embalado pela terceira grande paixão do ser. Eles, em 1976, já sabem o que é o inconsciente e quais são suas relações com os sonhos, com os ditos espirituais e com as parapraxias. Já sabem, também, que esse mesmo inconsciente é estruturado como uma linguagem e que ela/ele são, antes de mais nada e irredutivelmente, moebianos. Aliás, eles, e tantos outros, sabem muito, sabem tanto que tonaram-se não-tolos até seus últimos fios de cabelo e provocam, em Lacan e com outros fios – como se verá aqui – a procura de uma organização que ultrapasse TODA sabedoria. E essa procura se dará em cinco encontros – ou desencontros – nos EUA.



Lacan in North
ARMORICA



Lacan in North
ARMORICA

Tradução, organização e notas de
Frederico Denez e
Gustavo Capobianco Volaco



Diagramação e capa: Lucas Fontella Margoni

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

DENEZ, Frederico; VOLACO, Gustavo Capobianco (Orgs.).

Lacan in North Armórica. [recurso eletrônico] / Frederico Denez; Gustavo Capobianco Volaco (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

102 p.

ISBN - 978-85-5696-063-4

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Psicologia. 2. Filosofia. 3. Jacques Lacan. 4. Seminário I. Título.

CDD-140

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia 140

APRESENTAÇÃO
9

CONFERÊNCIA DE 24 DE NOVEMBRO DE 1975
YALE UNIVERSITY (SEMINÁRIO KANZER)
11

24 DE NOVEMBRO DE 1975
ENTREVISTA COM OS ESTUDANTES NA YALE UNIVERSITY
47

2ª CONFERÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE YALE
25 DE NOVEMBRO DE 1976
LAW SCHOOL AUDITORIUM
57

CONFERÊNCIA NA UNIVERSIDADE DE COLUMBIA
01 DE DEZEMBRO DE 1975
AUDITÓRIO DA ESCOLA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS
65

CONFERÊNCIA NO INSTITUTO TECNOLÓGICO DE MASSACHUSETTS
02 DE DEZEMBRO DE 1975
83

IMPROVISO SOBRE O DISCURSO ANALÍTICO
99

Apresentação

Lacan in North Armorica foi como resolvemos chamar as conferências e entrevistas dadas por Jacques Lacan, em 1976, nos Estados Unidos da América e que o leitor tem, agora e pela primeira vez, traduzido para o português.

Ele já havia estado por lá, em 1966 (em duas intervenções, às exposições de C. Morazé e L. Goldmann – 18/10 – e proferindo o famoso *Discurso de Baltimore* – 21/10) e, antes dele, a peste, sob o comando de Freud, já tinha tentando se alastrar pelo continente aproveitando as portas abertas da *Clark University* (*Cinco Lições de Psicanálise*, 1909).

Mas agora os tempos são outros. Não se trata mais de narrar uma história, com ares de catequese, para inficéis. Não se trata mais, também, de introduzir conceitos basilares a um público embalado pela terceira grande paixão do ser. Eles, em 1976, já sabem o que é o inconsciente e quais são suas relações com os sonhos, com os ditos espirituosos e com as parapraxias. Já sabem, também, que esse mesmo inconsciente é estruturado como uma linguagem e que ela/ele são, antes de mais nada e irredutivelmente, moebianos. Aliás, eles, e tantos outros, sabem muito, sabem tanto que tonaram-se não-tolos até seus últimos fios de cabelo e provocam, em Lacan e com outros fios – como se verá aqui – a procura de uma organização que ultrapasse TODA sabedoria. E essa procura se dará em cinco encontros – ou desencontros – nos EUA.

O primeiro deles, em 24 de Novembro, foi realizado na *Yale University* (*Seminário Kanzer*) e partindo de Joyce – daí o “nosso” *North Armorica* (*FINNEGANS WAKE*, p. 01, linha 5) – e de sua eterna Aimée, chegará a pontuações surpreendentes como a transgressiva formulação de que a felicidade em viver é, em si mesma, um fim de análise suficiente.

Logo em seguida, e no mesmo dia, Lacan conversará com estudantes, ainda dentro de *Yale*, para dizer, com outras

palavras e entre outras coisas, que, ele, só pode fazer o pior, que só pode, enfim, e em confronto com o discurso universitário, chegar a uma verdade semi-dita.

Em 25 de Novembro, no *Law School Auditorium*, ainda em New Haven, os nós que não fazem nós entram definitivamente em cena, e o sintoma, a ser reduzido em Freud, vira aqui o que já tinha virado no dia 18, em Paris: sinthoma, imprescindível para a ex-sistência. E é sobre esse mesmo sinthoma e seus enodamentos que no dia 01 de Dezembro Lacan discorre para concluir que desse dizer não é possível correr, ou seja, dentro da *Columbia University* são os nós que formam o espaço e é sobre eles, com eles e apesar deles que o analista opera.

E, enfim, chega 02 de Dezembro, e Lacan entra no celebrado *MIT* para dizer que um mundo binário, dualista, dicotômico não dá conta do Real que nos constitui e que é preciso, portanto, franquear-lhe as portas por e para essa prática chamada desde 1896 (*L'Hérédite et L'Étiologia des Névroses*) de psicanálise.

Frederico Denez
Gustavo Capobianco Volaco



Jacques Lacan
Conferência de 24 de Novembro de 1975
Yale University
(Seminário Kanzer)

Isso não é fácil... não é fácil falar em um país que é perfeitamente estranho para mim¹. Vocês veem que procuro me fazer entender por cada um ainda que meu inglês seja muito elementar e eu tenha a intenção de melhorá-lo - tenho a intenção de melhorá-lo este ano, de um modo algo paradoxal pela leitura - pela leitura de *Joyce* (risos). Um de meus ouvintes, inspirado pela minha recente conferência (uma conferência que me foi demandada para abrir o Congresso sobre *Joyce*²) - um ouvinte de meu seminário onde as pessoas se apresentam em massa, para a minha supressa como para a de todos e, onde, naturalmente, eu havia anunciado minha conferência sobre *Joyce*, escreveu um artigo em uma revista francesa³ onde a literatura é particularmente retorcida. Torcida, como isso. Mas, às vezes, aparecem coisas nesta revista que fazem sentido - às vezes muito sentido - e, em particular o que foi antecipado por meu ouvinte: ele antecipou que depois de *Joyce* a língua inglesa não mais existia.

Evidentemente, isto não é verdade porque, até em *Finnegans Wake*, *Joyce* respeita o que *Chomsky* chama de "estrutura gramatical"⁴. Mas, naturalmente, ele fez de um

¹ Em inglês, no original: "It is not easy to speak in a country which is perfectly strange for me".

² A Conferência para o V *Simpósio Internacional James Joyce*, realizado em Paris de 16 a 20 de Junho de 1975, foi intitulada *Joyce, o Sintoma*.

³ A revista é a *Tel Quel* e o ouvinte chama-se *Philippe Solers*. Lacan toca nesse assunto na primeira aula de *O Sintoma*.

⁴ Muito resumidamente, o que Noam Chomsky chama de gramática é um mecanismo finito que permite engendrar um ou mais conjuntos infinitos de frases estruturalmente corretas em uma língua, e nada mais. Ou seja, mesmo numa obra como *Finnegans Wake* uma estrutura gramatical mínima opera e dela, se falamos, se somos seres falantes, é impossível sair. Lacan tocará novamente neste ponto em sua segunda resposta ao Dr. Leavy. Para quem se interessar por essa discussão indicamos a aula de 02 de Dezembro de 1964 do Seminário *Problemas Cruciais para a Psicanálise* (ainda oficialmente inédito no Brasil), onde Lacan discute a frase chomskiana "colorless green ideas sleep furiously".

jeito que é difícil ver a língua inglesa. Ele até chegou a injetar em seu próprio gênero de inglês palavras pertencentes a um grande número de outras línguas, inclusive o norueguês e mesmo certas línguas asiáticas, ele forçou as palavras da língua inglesa obrigando-as a admitir novos vocábulos, vocábulos que não são inteiramente respeitáveis, se posso dizer assim, para alguém que use o inglês.

Se pode dizer que em inglês existem, no geral, dois tipos de vocábulos: os de raiz latina e aqueles chamados germânicos que, de fato, não são germânicos mas pertencem a outro ramo indo-europeu: ao anglo-saxão.

É do lado saxão que se encontram as raízes germânicas mas, no final das contas, há algo específico para se estudar no inglês enquanto tal, para captar aquilo que o caracteriza em oposição à outras línguas.

Mas a coisa importante, ao menos para nós, analistas, tal como o concebemos, é dizer a verdade. E como nós temos uma ideia um pouco particular dessa verdade, sabemos que isto é muito difícil.

E como ficou convencionado que eualaria primeiro e que imediatamente depois haveria perguntas, eu gostaria de começar por tomar o que é apropriadamente chamado de contato com vocês, que estão aqui esta noite, e colocar - porque não? - eu mesmo perguntas. Naturalmente isso supõe que vocês tenham o que responder, ainda que seja com outra pergunta.

Em primeiro lugar gostaria de endereçar uma pergunta precisamente àqueles que escolheram se colocar como psicanalistas, eu queria lhes perguntar e eu teria que necessariamente responder em primeiro lugar, como eles chegaram a isso que, depois de tudo, pode ser razoavelmente

Foucault também recorrerá sobre a mesma frase em seu *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 109 e seg. Para ler Chomsky por ele mesmo vale a pena consultar *Estruturas Sintáticas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

chamado de seu... *job*. Ser um analista é um *job* e, de fato, um *job*⁵ muito duro. É mesmo um trabalho extremamente fatigante e, se⁶ eu retomo as palavras do último analista que vi antes desta visita aos *Estados Unidos*, ele me confiava que tinha a necessidade de descansar um pouco entre cada uma de suas análises e que isso dava ritmo a seu trabalho.

Quanto a mim, para lhes dizer a verdade, não tenho tido tempo para descansar entre duas análises. Isso porque, devido a minha notoriedade, muitas pessoas vêm para serem analisadas, para me pedir que as analise. Ontem à noite, na casa de *Shoshama Felman*, um grupo de jovens me perguntavam como eu escolhia meus pacientes. Respondi que eu não os escolhia assim tão simplesmente, mas que eles tinham que testemunhar sobre o que esperavam como resultado de sua petição.

Agora, deixem-me responder a minha pergunta: como cheguei a ser psicanalista? Cheguei aí meio tarde, não antes dos trinta e cinco anos. Eu tinha arriscado, o que se chama na França, uma tese de doutorado em medicina. Esse não era meu primeiro escrito, pois uma tese tem que ser realmente escrita. Uma teses é, por definição, o que foi escrito e defendido. E nessa época, uma tese era assunto sério pelo qual alguém se expunha à contradição.

Hoje em dia, alguém se apresenta frente a um júri habitualmente composto por dois ou três de seus antigos chefes, perfeitamente informados do assunto, que muitas vezes sugeriram a vocês. Esse não era o meu caso. Precisei, realmente, impor minha tese. A chamei - isto é para os psiquiatras presentes - *Da Psicose Paranoica e suas Relações com a Personalidade*. Naquele tempo, eu era ingênuo. Acreditava

⁵ Em inglês, no original.

⁶ Como se trata de uma fala, é natural que o texto, decorrente dela, carregue as suas falhas características. Por isso esse “*et, si je reprends...*” acaba por não desembocar naquilo que se esperaria. Em outros trechos essa mesma característica se repetirá.

que a personalidade era algo fácil de agarrar. Não ousaria mais dar esse título àquilo do que se tratava, de fato, não creio que a psicose tenha alguma coisa a fazer com a personalidade. A psicose é um ensaio de rigor. E, nesse sentido, eu diria que sou psicótico. Sou psicótico pela única razão de que sempre tentei ser rigoroso.

Isso, evidentemente, vai bastante longe pois supõe que os lógicos, por exemplo, tendem para esse fim e também os geômetras, compartilhariam, em última análise, de uma certa forma de psicose. Hoje em dia, penso assim. Não empreendi essa tese imprudentemente, havia reunido trinta e três casos de psicose: e em nenhum encontrei exceção a esta busca de rigor. Mas como não se pode - contrariamente à prática comum, penso que não se pode - falar de trinta e três casos (minha tese teria milhares de páginas), me contentei em escrever uma tese com um número razoável de páginas, quero dizer, em um volume que coubesse na mão, e falei ali de um desses caos que me parecia exemplar, especialmente pelo fato de que a pessoa em questão havia produzido numerosos... escritos. Ela havia produzido esses escritos sob a forma de numerosas cartas ultrajantes para uma quantidade de pessoas, quero dizer que ela era erotomaníaca.

Um certo número de pessoas aqui sabem, penso, o que é um erotomaníaco: a erotomania implica a escolha de uma pessoa mais ou menos célebre e a ideia de que esta pessoa está ocupada apenas com você. Seria necessário falar de como essa ideia finca raiz, ainda que isso tenha sido impossível até o presente.

O que é certo é que, uma vez posto em marcha o mecanismo, cada fato prova que o personagem ilustre (neste caso, uma mulher) está em relação amorosa, não com a personalidade senão com a pessoa nomeada, designada por um certo nome. Nessa época essa pessoa aparecia com seu nome nos jornais, depois de um gesto realizado contra uma atriz então célebre, de uma maneira coerente com sua

erotomania dirigida sobre essa atriz - a mesma que ela já havia dirigido, em outros momentos, para outras celebridades (não é estranho ver operar esse deslizamento de uma figura a outra). Em todo caso, ela havia ferido ligeiramente essa atriz e foi enviada à prisão. Eu me permiti ser coerente e pensei que uma pessoa que sabia sempre tão bem o que ela fazia, sabia também à que isso a conduziria, e foi um fato que sua estada na prisão a acalmou. Do dia para noite desapareceram suas rigorosas elucubrações despregadas até este momento. Me permiti - tão psicótico quanto minha paciente - tomar isso à sério e pensar que, se a prisão a havia acalmado, isso era o que ela realmente havia buscado.

Eu também dei a isso um nome bastante bizarro: eu o chamei "paranoia de autopunição".

Evidentemente, isso foi talvez empurrar a lógica um pouco longe demais. E isso me fez perceber que em Freud havia algo da mesma ordem.

Freud não estudou principalmente os psicóticos. Mas ele, como eu, estudou os escritos de um psicótico, o famoso Presidente Schreber. E, a respeito do Presidente Schreber, Freud não adota o mesmo tipo de posição que eu. É verdade que esse era um caso de lógica muito mais avançado. Mas eu notei, por causa do que faz fundo a seu pensamento, que Freud não era psicótico. Ele não era psicótico, contrariamente à muitos, porque ele se interessava por algo diferente. Seu primeiro interesse era a histeria. E sua via de aproximação a esta outra coisa era perfeitamente séria, consistindo não em colecionar escritos - pois os casos que ele tratava não eram de pessoas inundadas de escritos, contrariamente aos psicóticos - mas a escutar. Ele passava muito tempo escutando, e do que escutava resultava algo, paradoxal em vista do que acabo justamente de dizer, que é uma leitura.

Foi enquanto escutava as histéricas que ele leu que havia um inconsciente.

Isso é algo que somente ele poderia construir e no qual estava ele mesmo implicado, estava implicado no que, para sua grande surpresa, ele percebia não poder evitar, sua participação no que as histéricas lhe diziam, que ele era por isso afetado.

Naturalmente cada coisa das regras resultantes pelas quais ele estabeleceu a prática psicanalítica é concebida para contrariar essa consequência, para conduzir as coisas de uma tal maneira que se evite de ser afetado. Para este fim, ele promoveu um certo número de regras que são muito saudáveis e que implicam a suposição de que a histérica tem o que se chama um inconsciente. E o que tentei - me desculpo por ser tão breve assim - fazer foi reconhecer o que poderia ser este inconsciente postulado por Freud. Agora que os analistas são tão numerosos, todos podem saber o que é a leitura do inconsciente, porque, depois de tudo, desde o tempo em que emergiram os analistas, as pessoas começaram a compreender alguma coisa, mas esse fenômeno, praticamente impensável, de que tantas pessoas cheguem à análise levanta um real problema. Não só eles vêm até nós, mas eles retornam. O que é que pode induzi-los a encontrar uma tal satisfação na análise, quando passar pela análise é uma experiência tão desconfortável? Nem todos são capazes de fazê-la. É necessário ter uma certa medida, de ter ouvido o suficiente sobre ela para saber que pode ter certos efeitos - esses efeitos sobre os quais contam realmente as pessoas que empreendem uma análise, aqueles a quem chamo de analisantes⁷. Eles contam sobre esses efeitos, particularmente tendo em conta as coisas que embarçam seu caminho, coisas que teria a ver... eu não diria com o pensamento, mas com o que o impede de funcionar

⁷ O significativo que Lacan emprega aqui, como em outros tantos lugares, é “*analysants*”. Algumas vezes e no decorrer dos anos, ele foi traduzido no Brasil por analisandos, mas preferimos, pela atividade imprescindível que sugere, analisantes.

logicamente, com o que o parasita (por exemplo, uma fobia ou as obsessões estudadas agora de uma maneira quase exaustiva, tal como as implica essa forma muito especial de doença mental que é precisamente uma neurose) ou, no caso das histéricas, coisas que se manifestam nelas mesmas pelo corpo.

Estes efeitos corporais, que têm sido diversamente qualificados, constituem o que se pensa ser da mesma ordem que o que se chamava, em outra época, os estigmas, pelos quais se identificavam as assim chamadas feiticeiras.

É verdadeiramente curioso que as coisas tenham girado de tal forma que Freud pudesse supor que a causa de todas essas neuroses - histeria, fobia, obsessões - devia ser buscada no que ele chamou o inconsciente.

Agora, em nossa experiência - eu posso dizer "a nossa" porque ela é assimilável - o que nós vemos nós, o que nós entendemos quando empreendemos a análise de uma neurose?

Nós vemos, como Freud nos diz, as pessoas nos falarem irresistivelmente de sua mamãe e de seu papai. Enquanto que a única consigna que lhes damos é a de dizer simplesmente o que eles... eu não diria o que eles pensam, senão o que eles creem pensam porque, na verdade, ninguém pensa e é pura ilusão pensar que se pensa, uma ilusão que tem sido a fonte de um certo número de sistemas filosóficos.

Nós imaginamos que nós pensamos, nós imaginamos que cremos no que dizemos. Saber e crença são palavras-chave na boca dos pensadores, lógicos e... psicóticos, em última análise. A única coisa que eu não posso compreender é como eles podem falar de saber e crença, como se o saber pudesse ser perfeitamente autenticado, enquanto que a crença seria simples picadinho de opiniões. Como é que nós podemos dizer a diferença e crença? Eles tentam oferecer critérios...

Há um excelente escritor, um lógico chamado *Hintikka*, que escreveu um livro assim intitulado⁸, no qual ele prossegue com intrepidez na tentativa de distinguir *Knowledge and Belief*⁹. Ele crê profundamente que existe uma diferença. Mas porque ele não vê que as três quartas partes desse chamado saber não são nada mais que crença, há aí alguma coisa que me diverte.

Em todo caso, o que nós ouvimos no curso de uma análise é um esforço para sair de tudo isso por um caminho que não tem nada a ver nem com o conhecimento nem com a crença - sair daí dizendo somente o que está realmente em seu espírito.

O que é fantástico é que, quando as pessoas tomam esse caminho são sempre levadas a algo que eles associam essencialmente à maneira pela qual foram criados por sua família. As primeiras históricas de Freud estavam muito preocupadas com seu pai - tudo o que se tem a fazer é ler a seu primeiro passo nessa direção, os *Estudos sobre a Histeria*, é notável. Então, por causa dessas históricas, Freud vem a se interessar pelos sonhos, pelo fato de que elas lhe falavam disso.

Tentemos nos aproximar dessas coisas corretamente, quer dizer, tomando Freud em seu início, antes que ele se envolva com a metapsicologia. A metapsicologia implica a construção de algo que pressupõe a hipótese de uma alma - isto é o que significa metapsicologia, ele supõe a psicologia como um dado. Evoca a

⁸ Lacan em 19 de Fevereiro de 1974, em seu Seminário *Les Non-Dupes Errent*, traduzido também por nós, desenvolve com um pouco mais de minúcia o que esse lógico finlandês, Jaakko Hintikka explora em seu *Models for Modalities*, ou seja e como aqui só fica subtendido, os modelos ou critérios para se pensar as modalidades aristotélicas. Lacan tecerá também alguns comentários sobre um segundo livro de Hintikka, complementar a esse primeiro, *Time and Necessity: Étude sur la théorie des modalités d'Aristote*.

⁹ Em inglês, no original.

metafísica, algo que permitiria considerar a psicologia desde o exterior.

Antes de Freud partir nessa direção ele escreveu três livros: *A Interpretação dos Sonhos*, *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* e *O Dito Espirituoso e suas Relações com o Inconsciente*¹⁰. O que me impressionou quando li esses três livros foi que o conhecimento de Freud sobre os sonhos estava restrito a narrativa que se fazia dele. Se poderia dizer que o sonho real é infável mas, em numerosos casos, não é assim. Como pode ser a experiência real do sonho? Essa era uma das objeções feitas à Freud: lhe falta validade. Pois é precisamente sobre o material da narrativa mesma - a maneira em que o sonho é relatado - que Freud trabalha. E, se ele faz uma interpretação, é da repetição, da frequência, o peso de certas palavras. Se tivesse aqui um exemplar de *A Ciência dos Sonhos*¹¹ eu poderia abri-la em não importa qual página e vocês veriam que é sempre a narrativa do sonho como tal - como material verbal - que serve de base à interpretação.

Em *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* ocorre exatamente a mesma coisa. Se não se desse conta do lapso ou do ato falho, não haveria interpretação.

O maior exemplo é dado pelo dito espirituoso, cuja qualidade e sentimento de satisfação mostrado por quem ri

¹⁰ O termo *witz* foi, desde os tempos da *Editora Delta* e do Dr. C. Magalhães de Feitas, traduzido por chiste. Na verdade, contudo, não podemos dizer exatamente que se trata nessa passagem translingüística de uma tradução propriamente dita, pois chiste é, antes de mais nada, uma importação, via Rio da Prata, de uma palavra espanhola. Preferimos aqui, então, manter a tradução que Lacan faz do *witz* ao redizê-lo como dito espirituoso, extremamente justificado e justificável, por exemplo, em *As Formações do Inconsciente*, seminário de 1957-1958.

¹¹ A palavra *deutung*, que compõe *Traumdeutung*, pode, em alemão, significar: interpretação, sentido, significação e, por extensão, ciência. Lacan, nesse trecho, a traduz como em outros tantos lugares, por A Ciência.

- Freud insiste nesse ponto - provêm essencialmente do material linguístico.

Isso me fez afirmar, o que me parece evidente, que o inconsciente é estruturado... (eu disse "é estruturado como", o que seria exagerar um pouco já que pressupõe a existência de uma estrutura - mas é absolutamente verdade que existe uma estrutura)... o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Com uma reserva: o que cria a estrutura é a maneira como a linguagem emerge de entrada no ser humano. Isto é, em última análise, o que nos permite falar de estrutura. As linguagens têm algo em comum - talvez não todas, já que não podemos conhecer todas, talvez existam exceções - mas isso é verdade para as linguagens que encontramos tratando dos sujeitos que nos chegam. As vezes eles mantiveram a memória de uma primeira linguagem, diferente daquela que terminaram por falar. De um modo bastante curioso, Freud destacava em sua prática que disso poderia resultar uma curiosa forma de perversão - nomeadamente o fetichismo - que não é ordinariamente causada por esse tipo de ambiguidade. Mas eu penso que aqui tem um número suficiente de pessoas que lembram do famoso *Glanz auf der Nase*¹², que surge de um germanófilo que havia conservado na memória a expressão inglesa *to glance at the nose*. Freud combinou isso com outros dados que ele havia reunido concernentes à origem dos fetiches e do

¹² Tanto a expressão *Glanz auf der Nase* como a *to glance at the nose* estão, na fala de Lacan, em suas línguas originais. Elas remetem ao texto de Freud, *Fetichismo*, e querem dizer, brilho no nariz e vislumbre do nariz, respectivamente. Freud as destaca, já no início de seu artigo, para enfatizar a sideração que determinados objetos têm para um sujeito, para, logo em seguida, apontar a que eles, esses objetos, substituem. Literalmente: "O fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que (...) não deseja abandonar". (FREUD, Sigmund. *Fetichismo*, in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 180).

fato de que eles implicam múltiplas significações em diferentes etapas e que todas remetem ao órgão masculino. É assim que Freud, depois de anos de experiência, chega a escrever os bem conhecidos *Três Ensaios sobre a Sexualidade*, na tentativa de construir alguma coisa que seria a escanção regular do desenvolvimento para cada criança.

Eu creio que esta escanção, ela mesma, está intimamente ligada a certos *patterns*¹³ da linguagem. Quero dizer que as assim chamadas fases oral, anal e até urinária, são muito profundamente ligadas à aquisição da linguagem, que a aprendizagem da higiene, por exemplo, está manifestadamente ancorada na concepção que a mãe tem disso e do que espera da criança - nomeadamente os excrementos - de modo que, fundamentalmente, seja ao redor da primeiríssima aprendizagem da criança que giram todas as etapas do que Freud, com seu prodigioso *insight*¹⁴, chama sexualidade. É preciso que eu encurte um pouco.

Eu proporia que o que existe de mais fundamental, nas assim chamadas relações sexuais do ser humano, têm a ver com a linguagem, no sentido de que não é por nada que chamamos a linguagem que usamos como nossa língua materna. É uma verdade elementar da psicanálise que, malgrado a ideia de instinto, é muito problemático que um homem esteja de alguma maneira interessado por uma mulher se ele não teve uma mãe. É um dos mistérios da psicanálise que o menino seja imediatamente atraído pela mãe, enquanto que a menina fica em um estado de reprovação, de desarmonia com ela. Tenho experiência analítica suficiente para saber como pode ser devastadora a

¹³ Modelos, padrões, em inglês. Para esse “conceito”, curiosamente retomado aqui depois de tantos anos, pode-se consultar *A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder*, que está nos *Escritos*, especialmente em sua página 610. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

¹⁴ Em inglês, no original.

relação mãe-filha. Não é por nada que Freud escolhe acentuar isso, levantar toda uma construção em torno disso.

Agora que terminei esta tão longa introdução, gostaria de retornar à questão que fiz no início aos psicanalistas daqui, já que não é necessariamente deste modo particular, atípico, que eles foram conduzidos à psicanálise. Não lhes disse sequer tudo o que percorri antes de me interessar pelos psicóticos e antes que eles me levassem a Freud, apenas sublinhei, muito simplesmente, que, na minha tese, eu me encontrei aplicando o freudismo sem o saber. Não vou recommençar. Isso foi uma espécie de deslizamento, pelo fato de que, ao final dos meus estudos de medicina acabei sendo levado a ver loucos e a falar deles, e fui conduzido à Freud que falava em um estilo que, a mim também, foi imposto por meu contato fatural com a enfermidade mental.

Eu não penso que se possa dizer realmente que os neuróticos sejam doentes mentais. Os neuróticos são o que são a maioria. Felizmente eles não são psicóticos. O que se chama um sintoma neurótico é simplesmente alguma coisa que os permite viver. Eles vivem uma vida difícil e nós tratamos de aliviar seu desconforto. As vezes lhes damos a sensação de que eles são normais. Graças a Deus nos não os fazemos suficientemente normais para que eles acabem psicóticos. Este é o ponto em que devemos ser prudentes. Alguns deles tem realmente a vocação para levar as coisas até o limite.

Peço desculpas se o que eu digo parece - mas não é - audacioso. Posso somente testemunhar sobre aquilo que a minha prática me fornece. Uma análise não tem que ser levada muito longe. Quando o analisante pensa que é feliz em viver, já é suficiente.

Assim, agora eu gostaria de que alguém me dissesse - eu não estou aqui como pedra de toque¹⁵ da resposta, quero dizer, não sou eu quem é a pedra de toque - como é que alguém decide se autorizar como psicanalista nos EUA?

Uma vez que tenho a oportunidade de reencontrar um certo número de colegas, eu gostaria de ter uma ideia do que aqui corresponde ao que instituí em minha escola e que chamo "o passe".

Isso consiste em que, no ponto em que alguém se considera preparado o suficiente para ousar ser analista, se possa dizer a alguém de sua própria geração, um par - não o seu mestre ou um pseudo-mestre - que está disposto¹⁶ a receber pessoas em nome da análise.

Vocês devem admitir que a descoberta do inconsciente é uma coisa muito curiosa, a descoberta de um tipo muito especial de saber, intimamente ligado ao material da linguagem, e que adere à pele de cada um pelo fato de que é um ser humano, e à partir do qual se pode explicar o que se chama, com ou sem razão, seu desenvolvimento, quer dizer, como chegou a se ajustar mais ou menos bem à sociedade.

O que me impressiona é até que ponto ignoramos como terminamos por encontrar nosso lugar, aqui ou ali - conjecturalmente - porque somos aspirados por alguma coisa.

¹⁵ Talvez seja mera coincidência que Foucault, em seus últimos dois cursos no *Collège de France*, se debruce sobre o conceito de básanos ou pedra de toque. Mas como não custa nada fazer esse apontamento, o leitor poderá encontrar elementos interessantes em *O Governo de Si e dos Outros* e *A Coragem da Verdade*, ambos publicados pela WMF Martin Fontes, em 2013 e 2011, respectivamente.

¹⁶ A expressão em francês é, literalmente, “*donné le nerf*” no sentido mesmo de “estar disposto, de ter coragem, de ter vontade”.

É certo que cheguei à medicina porque eu tinha a suspeita de que os relacionamentos¹⁷ entre homem e mulher desempenhavam um papel determinante nos sintomas dos seres humanos. Isso me impulsionou progressivamente até aqueles que não tinham sucesso nisso, porque certamente se pode dizer que a psicose é um tipo de falência no que diz respeito ao cumprimento do que se chama "amor".

No domínio¹⁸ do amor, a paciente da qual lhes falava podia seguramente ter muito dele contra a fatalidade. E eu quero terminar com essa palavra.

Na palavra fatalidade - *fatum* - já existe um tipo de prefiguração à noção mesma de inconsciente. *Fatum* vem de *fari*, a mesma raiz que temos em criança¹⁹, que naturalmente não se refere, como se supõe comumente, à alguém que não fala; mas à partir do momento em que suas primeiras palavras se cristalizam - cristalização material disso que o condiciona como ser humano - não se pode dizer que é criança.

Agora, se alguém quisesse me responder, consideraria que não perdi meu tempo pois o convidei a

¹⁷ Lacan usa aqui o significante “*relations*” e não “*rappor*”, tão ligado ao aforsimático “*qu'il n'y a pas de rapport sexuel*”, ou seja, não existe relação-medida sexual. Por isso preferimos o comum “relacionamentos”.

¹⁸ A palavra “*domain*”, que traduzimos aqui por domínio e que é pouco utilizada em português nesse sentido, remete a um espaço circunscrito, a um campo de conhecimento. A vertemos dessa maneira para distingui-la, gramaticalmente, de “*champ*”, que é utilizado, por exemplo, na colocação de Ritvó mais à frente.

¹⁹ O significante “*infans*”, usado por Lacan, não tem correspondente em português. Como ele mesmo explica, se refere não tanto àquele que não fala, como seria o caso de um mudo, por exemplo, mas àquele que não fala ainda. Daí sua articulação com *fari*, pré-dito na concepção, por exemplo, de *Santo Tomás de Aquino*, e *fatum* ou conjunto de coisas preditas (*praelocuta*) (. AQUINO, Tomas de (Santo). *Suma Teológica*, I, q. CXVI, 1, ob. 2. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 684 e 685). Lembrando que essa série se inicia com o significante prefiguração, “*préfiguration*”.

dizer a verdade. Como chegou aqui, não vejo porque alguém hesitaria em dizer isso.

Vocês podem dizer simplesmente: eu pertencço a uma associação psicanalítica, pois isso me parece uma boa localização e me daria um trabalho em nada desagradável, uma vez que isso interessa a todo o mundo...

Mas no fim, a verdade, a verdade verdadeira, é que entre homem e mulher, isso não funciona.

Perguntas e Respostas

O moderador, Prof. Geoffroy Hartman: Vocês estão convidados a fazer perguntas.

Jacques Lacan: Quem começa o papo?

Dr. Stanley Leavy: Eu tenho uma pergunta Dr.Lacan. Quando analisamos nós sempre tentamos encontrar as fantasias²⁰ inconscientes.

J. Lacan: Eu tentei dar uma fórmula da fantasia, mas não quero, esta noite, impor meu modo de escrevê-la.

Dr. Leavy: Mas como você distingue a fantasia mesma e as palavras utilizadas para comunicá-la? É que a

²⁰ A palavra usada por Leavy – e logo em seguida por Lacan – é “*fantasmes*”, fantasias e não “*fantômes*”, fantasmas. Pode parecer pouca coisa essa diferença que marcamos aqui, mas a conjunção/disjunção entre esses dois termos é um ponto problemático no ensino de Lacan, que ora fala em *fantasme*, como em *La Logique du Fantasme* (1966-1967), para designar pura e simplesmente um campo Imaginário e ora para designar a complexa partida jogada entre o Simbólico e o Real, dado pela escrita *sujeto punção a*, que remeterá, alguns anos mais tarde, ao termo exclusivo *fantôme*, como, por exemplo, em *De Um Discurso que Não Seria do Semblante* (1971). Como dissemos, é um problema, e que não trataremos de resolver aqui. Queremos apenas indicar que na língua de Freud *phantasie* designa o imaginário, a imaginação e é traduzido para o francês como *fantasme*. Já *phantom*, em alemão, remete a um espectro, a algo que assombra, e é vertido para o idioma de Lacan como *fantôme*. O mesmo, claro, vale para o português onde fantasia e fantasma não tem as mesmas significações e cada um deles remete a coisas distintas.

análise se cumpre só pelo estudo - a leitura, se você quer - das palavras da fantasia ou se pode supor que existe uma fantasia sob ou atrás da linguagem? Ou bem, você pensa que o analista deve se abster de buscar algo fora da linguagem?

J. Lacan: O analista opera deixando-se guiar pelos termos verbais utilizadas pelas pessoas que fala. Se Freud recomenda alguma coisa é, ele o disse explicitamente, não presumir qualquer ideia que seja; vocês podem encontrar um dia um caso completamente diferente de tudo o que tenham previsto como classificável. Sigam isso que vem da pessoa que vocês estão à escutar. No entanto, o que é perturbador é que na história da análise não apareceu uma fantasia totalmente original. Sempre se descobrem as mesmas velhas coisas. Isto é suficiente para lhes conduzir à desesperança. Espero não terminar minha vida sem ter encontrado uma ou outra coisa que eu possa deixar para a posteridade, alguma coisa que eu tenha inventado. Mas até aqui minha inspiração tem permanecido adormecida. É evidente que eu me dobrei sob a carga e, como sou muito velho, não posso inventar uma nova fantasia. Isso é algo que toda a análise do mundo, por mais flexível que seja, não pode fazer. Isso, no entanto, prestaria um grande serviço, pois os neuróticos são pessoas que aspiram a uma perversão que não alcançam jamais. Seria de grande ajuda inventar alguma coisa, mas se termina sempre por girar em círculo. Por exemplo, até onde se pode conduzir a fantasia de esmurrar seu vizinho, de conduzi-lo à morte com mil golpes? Ela existe e tem sido praticada desde tempos imemoriais e evidentemente estimula a imaginação de alguns, mas todos sabem que esses não são nunca os que realmente a põem em ação. Para fazer isso é necessário estar efetivamente em alguma parte como executor patentado, tais coisas só são feitas por pessoas que são pagas para isso.

De fato, o terrível é que a análise em si mesma é atualmente uma chaga: quero dizer que ela é em si mesma um sintoma social, a última forma de demência social que foi concebida.

Ela não foi concebida para nada: acontece que, num certo momento da história a medicina percebeu que não podia tratar tudo, que ela tinha que enfrentar alguma coisa nova.

A análise é realmente a cauda da medicina, o lugar onde ela pode encontrar refúgio, pois em outros ares ela tornou-se científica, coisa que interessa pouco às pessoas.

Para falar rigorosamente, a ciência não emerge simplesmente assim. É necessário realmente lhe dar um golpe. Mas uma vez que ela partiu, existem escolas científicas. O que interessa à maioria das pessoas é um departamento científico, é um bom lugar. As pessoas que realmente contribuíram de alguma forma para a ciência podem ser contadas nos dedos da mão, elas ganharam um prêmio Nobel. Nem todo mundo é capaz: a maioria das pessoas usam a ciência de uma forma muito particular e limitada. O curioso é que Freud pensava que ele fazia ciência. Ele não fazia ciência, ele estava em vias de produzir uma certa prática que pode ser caracterizada como a última flor da medicina. Esta última flor encontrou refúgio aqui porque a medicina tinha numerosos meios de operar, inteiramente repertoriados com antecedência, regulados como o papel para a música, e ela teve que encarar o fato de que haviam sintomas que não tinham nada a ver com o corpo, só com o fato de que o ser humano é afligido, se se pode dizer, pela linguagem. Por essa linguagem ele é afligido e ele faz suplência ao que é absolutamente incontornável: a não relação sexual.

A assim chamada fundamental sexualidade de Freud consiste em destacar que tudo o que tem a ver com o sexo é sempre causa perdida. Esta é a base e o princípio da ideia mesma de fiasco. A falha mesma pode ser definida como o que é sexual em todo ato humano. É por isso que existem tantos atos falhos. Freud indicou perfeitamente que um ato falho sempre tem a ver com o sexo. O ato falho é precisamente e por excelência o ato sexual. Um dos dois

sempre está insatisfeito. Devemos dizer a verdade, afinal. E as pessoas sempre falam disso.

Sra. Turkell: Por que você diz que Freud não fazia ciência quando sua própria intenção, se compreendo corretamente, é a de dar à psicanálise seu verdadeiro objeto, o inconsciente, precisamente como o objeto de uma ciência?

J. Lacan: Eu creio que já é muito que Freud tenha inaugurado um modo inteiramente novo de relação humana - porque é evidente que o importante é o que ocorre entre o analisante e o analista. Se eu a chamei de chaga social é porque o que é social é sempre uma chaga.

Mas por que digo isso? É porque - o que estava tentando fazer? - para ter sucesso, naturalmente, eu sou como todo o mundo, ingênuo - eu imaginava que a linguística era uma ciência. Ela tinha essa ambição. Ela tentava funcionar como se fosse uma ciência. Basta olhar os espíritos mais sérios na linguística, Jakobson, Chomsky - e me foi dito que ele estava numa nova pista, agora, mas Chomsky mesmo não poderia fazer nada melhor do que repetir a lógica de Port-Royal²¹. Ele a chamou cartesiana, mas é somente a lógica de Port-Royal, isso não vai mais além. A lógica de Port-Royal já produzia perguntas muito sérias. O que eles chamavam lógica já é uma forma de linguística. É suficiente abri-la para ver que aquilo de que trata é desta

²¹ A chamada lógica de Port-Royal, publicada em 1662 por Antoine Arnauld e Pierre Nicole se baseia, assim como a linguística de Chomsky, numa lógica cartesiana, ou seja, numa lógica pautada na e pela razão. Ela retira de seu campo tudo aquilo que faz contradição, equívoco ou ambiguidade. Foucault, em seu *As Palavras e as Coisas* chegou a dizer que ela é uma das bases da episteme moderna e sobre esse ponto fará interessantes desenvolvimentos. Ver FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 413. Nunca encontramos, em português, o livro *La Logique ou L'Art de Penser*, dos autores que mencionamos acima. Mas existe uma bela tradução para o *Gramática de Port-Royal* - escrito pelo mesmo Arnauld e por Claude Lancelot - publicado pela Martins Fontes em 1992, e que oferece um interessante panorama sobre a ciência da língua, que é o que Lacan discute aqui.

ordem. E se reconheço que o inconsciente não pode de nenhum modo ser abordado sem referência à linguística, acredito que adicionei meu esforço à descoberta freudiana. Mas já é muito que Freud mesmo tenha aberto esse caminho, que tenha dado o eixo e a prática, mostrado que essa era a única medicina²² real.

Quem é historiador aqui, historiador da psicanálise, é você?

Lucille Ritvo: Sim.

J. Lacan: Você é uma historiadora. Você está adicionando um novo capítulo a sua história da psicanálise com o que acabo de dizer?

L. Ritvo: Você quer dizer esta conferência?

J. Lacan: Eu disse expressamente que a psicanálise era um momento histórico.

L. Ritvo: Isso não é verdade para qualquer coisa?

J. Lacan: A psicanálise tem seu peso na história. Se há coisas que pertencem à história, são coisas da ordem da psicanálise.

L. Ritvo: Isso parece demasiado vago e geral. O que isso tem a ver com a psicanálise?

J. Lacan: O que se chama de história é a história das epidemias. O Império Romano, por exemplo, é uma epidemia. O cristianismo é uma epidemia.

Sr. X: A psicanálise também.

J. Lacan: A psicanálise também é uma epidemia.

Prof. Hartman: É contagiosa...²³

²² O significante “*médecine*” pode tanto se referir a medicina, que é sobre o que Lacan vem falando até aqui, como a medicamento, o que mudaria o sentido dessa sentença. Resolvemos, aqui, apenas apontar essas duas possibilidades semânticas.

²³ Essa e as outras reticências marcam frases que foram, por uma ou outra razão, interrompidas.

L. Ritvo: A história diz respeito a tudo o que as pessoas estão dispostas a pagar para encontrar escrito como história.

J. Lacan: Isso é absolutamente verdadeiro. É algo que existe em um segundo grau. As pessoas escrevem sobre o que foi escrito. É por isso que são exigidos documentos escritos. Você não pode fazer história senão a escrevendo de segunda mão e sobre o que foi escrito em algum lugar.

Sem o documento escrito vocês sabem que estão em um sonho. O que o historiador exige é um texto: um texto ou um pedaço de papel; de todo modo, deve haver em algum lugar, em algum arquivo, alguma coisa que certifique, por escrito, e cuja falta faz a história impossível... O que não pode ser certificado por escrito não pode ser considerado como história.

L. Ritvo: Eu não tenho a certeza que precise estar escrito para ser história. Existem tradições orais, as pessoas que não tem escrita podem também ter uma história, uma tradição que transmitem. Você pode também fazer história recolhendo artefatos. Em outras palavras, eu creio - eu poderia não estar num terreno firme - que na arqueologia e na história da arte ainda que não se disponha de palavras escritas sobre o papel, se pode fazer história.

J. Lacan: A arte oral sempre termina em uma forma escrita. O historiador, como tal, exige um documento escrito; ele não faz história da arte. A história da arte é algo totalmente impreciso. Para que a história da arte faça sentido, você precisa de uma data: isso é algo que deixou um rastro escrito. Quando foi construída a Catedral de Chartres? O que é propriamente da ordem da história deve ser datável.

Prof. Edward Casey: Qual é o lugar do imaginário na história? Você crê que a história, parar retomar seus próprios termos, é totalmente simbólica?

J. Lacan: É um tipo especial de simbólico, um simbólico que une o real através da escrita.

Prof. Casey: Mas, se assim for, há uma grande proporção de imaginário na história. As fábulas, ainda que escritas, são...

J. Lacan: Com as fábulas a questão é saber como nos foram transmitidas. Nos foram transmitidas pela escrita.

Prof. Casey: Naturalmente, mas eles contêm, ainda que escritas e misturadas com tradições precisas, o imaginário e o não datável.

J. Lacan: Felizmente, existem edifícios que ainda não desmoronaram. Isso virá, mas...

Prof. Casey: Mas qual é o estatuto desses edifícios, sem base na realidade e que são, no entanto, escritos?

J. Lacan: Na realidade, não é o estatuto das coisas que me concerne diretamente, enquanto psicanalista.

Prof. Casey: Naturalmente.

J. Lacan: Eu não tento uma filosofia da arte. Eu já estou muito ocupado com as consequências de minha prática, que é absolutamente puntiforme - é só em um número limitado de pontos específicos que ela toca o domínio da arte. Freud trata de se envolver em outra coisa e de ver na arte uma espécie de testemunho do inconsciente.

Trata disso em várias ocasiões que não foram todas especialmente felizes. Com a *Gradiva* de Jensen, isso não andou. Porque, depois de tudo, nada força o artista a admitir que ele tem um inconsciente. Isto é psicanálise selvagem. Toda interpretação, mesmo aquela de *Moisés*, é apenas uma conjectura. Não podemos estar seguros dela pois não temos meios de analisar a pessoa que a esculpiu.

Prof. Casey: Há aí, ainda, uma analogia nesta discussão entre história e psicanálise, no sentido de que os dois domínios tem coisas que são imaginárias e não acontecimentos reais.

J. Lacan: Sim, reconstruções. Para estes últimos não podemos estar seguros de nada. O que não nos impede de intervir.

Prof. Casey: Mesmo que você não tenha certeza, não há uma diferença se esses acontecimentos aconteceram ou não?

J. Lacan: Deixe-me dizer-lhe: você não pode estar jamais seguro que uma lembrança não seja uma lembrança encobridora. Quer dizer, uma lembrança que bloqueia o caminho do que eu posso localizar no inconsciente; quer dizer, a presença - a chaga - da linguagem. Uma lembrança, tal como ela é imaginariamente revivida - o que é uma lembrança encobridora - é sempre suspeita. Uma imagem sempre bloqueia a verdade. Eu uso aqui termos que todo analista conhece. O conceito mesmo de lembrança encobridora mostra a desconfiança do analista a respeito de tudo o que a memória pensa que ela reproduz. Isso é o que se diz, propriamente falando, que a memória é sempre suspeita. Incidentalmente, é por isso que Freud se bateu com o famoso trauma original. O caso do *Homem dos Lobos* é tão longo só porque Freud tenta desesperadamente fazer alguma coisa clara e não pode saber se o que *Homem dos Lobos* relata, acerca da cópula dos pais, é ou não uma lembrança encobridora. Um trauma é sempre suspeito.

Prof. Casey: Mas não necessariamente imaginária tal que...

J. Lacan: A sexualidade é sempre traumática enquanto tal. O primeiro tipo de trauma é evidentemente aquele que Freud testemunha - depois de tudo é preciso dar todo a importância às *Cinco Psicanálises*. No que consiste, então, a fobia do *Pequeno Hans*? No fato de que ele constata, muitas vezes, que tem um pequeno órgão que se movimenta. Isto é perfeitamente claro. E ele quer lhe dar um sentido. Mas por mais longe que chegue esse sentido, nenhum menininho experimenta jamais que esse pênis está ligado a ele naturalmente. Ele sempre considera o pênis como traumático. Quero dizer que ele pensa que isso pertence ao exterior do corpo. É por isso que ele o vê como uma cosia

separada, como uma cavalo que começa a se levantar e dar coices.

O que pode significar a fobia do *Pequeno Hans* exceto o fato de que ele está traduzindo a história original, o fato de que ele notou que tem um pênis?

Ele ainda não conseguiu, dominá-lo com palavras. Essas palavras, são o analista - quer dizer, seu pai (Freud ainda não se ocupa dele) - Freud o insta a dizer as palavras que o acalmam. E como temos o testemunho de *Hans* - adulto, ele veio aos estados Unidos - elas conseguiram livrá-lo perfeitamente de sua fantasia, de modo que não se lembrava sequer de ter sido o *Pequeno Hans*.

Este caso foi um sucesso, mas o que isso significa senão que o pai, com a ajuda de Freud, conseguiu impedir que a descoberta do pênis tivesse consequências muito desastrosas?

Prof. Dr. Robert Lifton: Posso fazer uma pergunta? Voltando a sua primeira asserção acerca de que toda a história ressalta da psicanálise - o que é perfeitamente verdade, eu penso - que se faz uma força considerável, agora, em nosso país e também na França, creio, para se associar de algum modo psicanálise e história, para abordar a história pelo *insight*²⁴ psicanalítico e creio que há aí um dilema fundamental concernente ao modo que se aborda a simbolização; se levamos à sério o que você chama o simbólico encontramos-nos com uma discordância com o conceito analítico clássico de formação simbólica, pois seu conceito encara a totalidade da mentalidade humana como tomada nesse processo simbólico de criação e recriação e, se alguém aborda a história, ela se torna cada vez menos satisfatória.

J. Lacan: Isso é absolutamente verdadeiro.

²⁴ Em inglês, no original.

Dr. Lifton: Além disso, neste dilema sobre como se usa o *insight*²⁵ psicanalítico para abordar a história, meu próprio ponto de vista está em descartar os conceitos de defesa e de instinto em proveito da continuidade e descontinuidade da vida tal como ela é simbolizada. E eu creio que se pode abordar...

J. Lacan: Continuidade e descontinuidade?

Dr. Lifton: Ou o que se poderia chamar morte e continuidade. Em outras palavras, como podemos recordar...

J. Lacan: É esta a sua tendência? Então, eu sou ... como você se chama?

Dr. Lifton: Robert Lifton.

J. Lacan: Eu sou liftoniano (risos). Porque eu encontro sua direção tão válida como a minha. Cheguei a tomar a minha direção por causa do caminho pelo qual cheguei à psicanálise, mas não vejo razão para que não exista outra chave. Você só tem que ver o que ela abre...

L. Ritvo: Eu penso, enquanto historiadora da ciência, que as pessoas tomaram os descobrimentos científicos - sejam eles quais forem - para aplicá-los a outros fenômenos que não aqueles que haviam provocado. A física newtoniana, por exemplo, é base para a *Constituição* americana. Não creio que Newton tenha sonhado com coisa parecida.

E eu creio que quanto mais se afasta do fenômeno para o qual a teoria foi desenvolvida, menos ela é aplicável. Então eu penso que aquilo que a psicanálise e a história têm em comum é o ser humano, mas a psicanálise o considera enquanto um indivíduo, tal como se revela em sua situação muito particular, e é da reponsabilidade de quem quer servir-se dela em outro domínio, provar e ver se é aplicável, e ainda válida, nesse domínio. Não creio que se possa tomá-la como

²⁵ Idem.

um todo e esperar que concorde com uma situação diferente daquela pela qual ela foi desenvolvida.

J. Lacan: Você tem uma concepção ambiciosa da história ... a mesma que a dos Padres da Igreja²⁶. Os Padres da Igreja reinterpretem o conjunto da história, por isso se torna necessário que a história engendre a Igreja.

Prof. Hartman: Se a Igreja é uma teoria, algo comparável a uma teoria científica, o Dr. Lacan diz que, de acordo com você, toda a história teria que ser reinterpretada para se mostrar de acordo com esta teoria.

L. Ritvó: Não, eu dizia que não se pode aplicar uma teoria científica, em seu conjunto, à história.

Prof. Hartman: Você estava falando sobre a natureza transitória de toda teoria científica...

L. Ritvó: Sim, uma teoria científica é transitória.

Prof. Hartman: Uma teoria científica se mostra então mortal, no interior um limite de tempo.

L. Ritvó: É verdade, ela é válida para um conjunto particular de observações, por exemplo, a teoria de Newton é válida para um certo conjunto de observações, mais além convêm a teoria de Einstein e não a de Newton. Assim Newton é invalidado além desse ponto.

J. Lacan: Sim.

Prof. Hartman: O que você dizia sobre a psicanálise, então?

L. Ritvó: Eu dizia que a psicanálise só pode ser válida no domínio de suas observações, que é a situação analítica.

J. Lacan: Isso é exatamente o que eu digo. Nós não temos nenhuma maneira de saber se o inconsciente existe fora da psicanálise.

L. Ritvó: Eu não sei se não existe uma maneira de saber isso, não sei se isso já foi experimentado e se,

²⁶ “*Pères de l’Église*” em caixa alta, no original.

experimentando, será válido ou não para domínios exteriores.

Prof. Louis Dupré: Nós não podemos extrair, doutor, uma conclusão do que você disse? No caso de numerosas interpretações analíticas na arte e na literatura, muitas vezes me pergunto se o intérprete não reduziu o símbolo a um sintoma e assim operou uma simplificação que já não responde ao original.

J. Lacan: Sim, é o que faz a história da arte.

Prof. Dupré: Bem, mas também certas interpretações analíticas que tendem a...

J. Lacan: Que são sempre excessivas...

Prof. Dupré: Que tendem a reduzir o significante a um simples significado...

J. Lacan: Estou absolutamente de acordo...

Prof. Dupré: ... reduz a um simples signo que não é mais um símbolo. E assim a verdadeira natureza do significante falta.

O moderador Prof. Hartman: Nós ainda não ouvimos nenhum psicanalista reconhecer como ele ou ela se autoriza...²⁷

Dr. Marshall Edelson: Para retornar à questão, a linguística é uma ciência? A psicanálise é uma ciência? Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud diz em algum lugar: "nossas ideias nos colocam mais perto da realidade desconhecida". Se a ciência é esse esforço para se aproximar da realidade desconhecida, então a linguística e a psicanálise são ciências.

J. Lacan: Mas elas não têm esse estatuto. Porque o que foi proposto como ciência começa com Galileu. Foi na linha de Galileu que veio Newton... e nós começamos a ter alguma ideia do que é a biologia.

²⁷ Hartman retoma – ou procura retomar – o que deu início a essa série de questões, ou seja, como alguém chega – e por quais caminhos – a ocupar esse lugar impossível de psicanalista.

Sra. Turkell: Mas qual é a sua definição de ciência? Essa é a questão.

J. Lacan: Até o momento, tudo o que foi produzido como ciência é não verbal. Naturalmente, é evidente que a linguagem é utilizada para ensinar ciência, mas as fórmulas científicas são expressas sempre por meio de pequenas letras. $1/2 mv^2$, como relação entre a massa e a aceleração da velocidade, não pode ser explicada pela linguagem senão pelos mais longos desvios. Sua significação precisa ser estritamente limitada e, ainda assim, não é perfeitamente satisfatória. Por exemplo, quando tratamos com elétrons, nós já não sabemos o que entendemos realmente por massa ou velocidade, porque somos incapazes de mensurá-los. A ciência é o que se sustenta, em sua relação ao real, graças ao uso de pequenas letras.

Sra. Turkell: É isso o que dá importância, para você, aos matemas na psicanálise?

J. Lacan: É certo que eu tento de dar forma a algo que agiria como núcleo da psicanálise, do mesmo modo que essas pequenas letras. Eu tentei escrever uma certa fórmula, exprimo o melhor que posso, com um grande S que representa o sujeito e que precisa estar barrado (§), depois um pequeno signo (<>), e no fim um (a). Tudo colocado entre parênteses. Esta é uma tentativa de imitar a ciência. Pois creio que a ciência só pode começar assim.

Dr. Sidney Blatt: Mas isto não é impossível para uma ciência psicológica? Me inquieto com esta definição porque eu afirmaria que a psicanálise e a psicologia profunda²⁸ não poderiam jamais satisfazê-la.

Sra. Y: Ela também elimina a biologia.

Dr. Blatt: A questão não é de que seja ou não uma ciência, tudo depende da maneira que se define a ciência, a questão é que a diferença é de discurso. A diferença de

²⁸ O termo usado por Blatt é “*psychologie des profondeurs*”, que pode ser traduzido como fizemos acima ou como psicologia das profundezas.

discurso é, que na psicanálise, na psicolinguística e em outros domínios, o homem tenta refletir sobre si mesmo, mais que sobre um objeto exterior. Isso exige um conjunto diferente de definições, de modos de investigação. Que nós a definamos ou não como ciência não é o importante. A questão é que possamos especificar os diferentes domínios do discurso.

J. Lacan: Isso é exato.

O intérprete, S. Feldman: Enquanto que a outra pessoa que acabou de falar pensava que na psicanálise a matematização era um desejo impossível, que nunca será possível matematizar tudo.

J. Lacan: Eu não disse matematizar tudo, mas começar a isolar um mínimo matematizável.

Dr. Blatt: Em outras palavras, existem dois modelos onde um seria, como você acaba de dizer, a tentativa de aproximar uma estrutura matemática, ainda que de maneira limitada. Mas o outro modelo, que eu creio mais possível, é ignorar esta exigência e, em seu lugar se ater - pois creio que é importante se ater a ciência tradicional - ao sentimento de evidência e a princípios ou conceitos construídos em torno da evidência, de uma maneira que sempre segue a tradição científica, mas que exige critérios diferentes para a ciência do *self*²⁹, enquanto que oposta à ciência dos objetos exteriores.

Você admitiria a possibilidade de um modelo científico diferente do seu?

J. Lacan: Sim, admitiria.

L. Ritvó: Os cientistas se perguntam mesmo se a matemática é uma ciência, porque ela não tem fatos, não tem campo³⁰ de observação. Ela é útil para a ciência, mas os cientistas não tem certeza de que ela seja uma ciência.

Prof. Felman: Mas tudo depende da definição do que é a ciência.

²⁹ Em inglês, no original.

³⁰ Ver nota 18.

L. Ritvó: É verdade. Essa definição omite a biologia, a geologia e, de fato, todo o biológico...

Prof. Felman: Você tem a ciência experimental por modelo exclusivo?

L. Ritvó: Não, mas a ciência em um sentido mais amplo é uma aproximação para avaliar se suas formulações são de ordem especulativa, hipotética ou suficientemente provadas para fazer uma teoria. Como dizia Darwin: "Vocês não podem prejudicar a ciência com uma falsa teoria, apenas com uma falsificação dos fatos"³¹.

J. Lacan: Mas é notável que a observação só é satisfeita quando ela culmina em uma fórmula que pode ser chamada matemática. Só a observação não satisfaz o espírito, se essa palavra quer dizer alguma coisa.

L. Ritvó: Esta é uma visão muito limitada da ciência. Ela omite uma grande parte da ciência.

Dr. Edelson: Posso evocar algo específico concernente à linguagem? Como posso dizer coisas que nunca foram ditas anteriormente? Como posso pronunciar frases que jamais foram ditas por qualquer outro? Frases que não me foram impostas por meu meio? Elas vem do interior. Elas concordam com meu entorno mas isso não me constrange a dizer o que eu digo. Eu tenho a escolha. Eu posso dizer um monte de coisas no mesmo entorno.

J. Lacan: Mas - o entorno é uma reflexão...

Dr. Edelson: Duas outras perguntas: Como, quando ouço duas frases e elas tem a mesma estrutura, posso saber que significam coisas diferentes? Ou bem: ouço frases que tem estruturas diferentes e eu sei que elas significam a mesma coisa? Tratando de responder estas perguntas, eu tenho uma teoria de estrutura abstrata, no espírito: o que surge de meu espírito me permite fazer coisas. Eu posso ter mais de uma teoria, uma teoria me ajudará a explicar melhor

³¹ Não conseguimos encontrar essa citação de Darwin em nenhum lugar.

que outra como sou capaz de fazer essas coisas. Usando novas vias para encarar o mundo, o homem teve necessidade de novos conceitos, isto não é menos científico. Se eu estou em um mundo onde tenho que compreender as coisas por conceitos como "regras" e "significação" estes são ainda conceitos que me ajudam a compreender. Isso não me faz cientista. Freud fala do sentido ou da significação dos sintomas mais do que de sua causa. Esta é sempre a questão de um cientista.

J. Lacan: Isto é precisamente o que Freud introduziu.

Dr. Edelson: Estamos de acordo.

J. Lacan: Isto é o que Freud introduziu e é por isso que eu destaco a questão da leitura que Freud faz desse sentido. O que é divertido é que isso funciona. É o que um certo Reik chamava "surpresa", a coisa que nos surpreende. Precisamente porque nós pensamos que a ciência só tem a ver com o real. Mas o real, tal como nós falamos dele, está completamente desprovido de sentido. Podemos estar satisfeitos, estar seguros que tratamos de algo real só quando já não há nenhum sentido, qualquer que seja. Não há sentido porque não é com palavras que escrevemos o real. É com as pequenas letras.

Dr. Edelson: As construções lógicas que nós fazemos para compreender a realidade desconhecida chegam a ser, em seu tempo, realidade. O que foi ficção lógica em física é hoje em dia realidade.

J. Lacan: As construções lógicas, eu disse que as considerava psicóticas...

O intérprete Prof. Felman: Ele fez uma piada³²; no começo de sua exposição disse que uma construção lógica, perfeitamente coerente, era assim como ele definia a "psicose".

Dr. Edelson: Hum.

³² O significante utilizado aqui é "*plaisanterie*".

Prof. Felman: Foi uma afirmação provocativa.

Dr. Edelson: Eu fui provocado.

Prof. Felman: Mas ele disse em seguida que, nesse sentido, ele era psicótico, porque tratava de ser rigoroso. Também que ele não é contra o rigor, mas não o iguala à ciência. Isto é, creio, o ponto principal. A coerência como tal somente seria prova de psicose e não de verdade.

J. Lacan: A psicose é plena de sentido.

Dr. Edelson: A psicose é chamada estereotípica e está desprovida de sentido, em minha experiência.

J. Lacan: Mas os estereótipos não se sustentam para o psicótico mais que por seu sentido.

Dr. Blatt: Sim, mas é porque o psicótico se esforça para fazer sentido - se restringe à função sintética - para permanecer em relação com o mundo.

Prof. Dupré: Mas por que, doutor, você insiste tanto sobre a necessidade de fórmulas matemáticas para definir a ciência?

J. Lacan: Porque isto é historicamente verdadeiro.

Prof. Dupré: Mas isso começou com Descartes, na França, isso não é ...

J. Lacan: Isso começou com Galileu.

Prof. Dupré: De acordo, mas adicionar uma centena de anos não faz muita diferença. A matematização da ciência é quase uma exceção na história da humanidade e é uma exceção que os cientistas, ao menos, abandonam. Nós não cremos mais nisso. Assim, porque reduzir a ciência do espírito³³ - que escapa disso desde o início - a um ponto de vista que não existe mais, mesmo na ciência? Pode haver outros modelos. Por exemplo, todas as ciências sociais, as ciências do espírito não tem necessidade de fórmulas

³³ A expressão é “*sciences de l'esprit*” que pode ser vertida para “ciências da mente”, para “ciências humanas” ou “ciências da alma”. Preferimos, contudo, ciências do espírito, para manter a discussão já feita nessa conferência sobre *l'esprit* e que embala Lacan desde as aulas de Kojève.

matemáticas para se expressarem claramente. As fórmulas matemáticas estão em uso, mas sobretudo como abreviação do que se pensa, ou com fins pedagógicos, mesmo na economia ainda hoje.

Dr. Edelson: A ciência matemática não é a quantidade. A matemática é lógica.

J. Lacan: Sim, não é a quantidade.

Dr. Edelson: Sim, é a lógica; se é a lógica das relações que subjaz às matemáticas, estas são formas puramente simbólicas. Se introduzimos as matemáticas para compreender o espírito, usamos simplesmente formas simbólicas para dar conta da natureza, da estrutura do espírito. Isso não tem nada a ver com a quantidade, a medida do que quer que seja.

Prof. Dupré: Isso é exatamente o que eu digo. E é por isso que não pode ser apropriado e de nenhuma ajuda.

Dr. Edelson: Mas o que suporta as matemáticas é a lógica das relações, a lógica da simbolização.

Prof. Dupré: De alguma simbolização, mas não daquela da qual você necessita para seus fins.

L. Ritvó: Você diria que Buffon, Lamarck e Cuvier e Claude Bernard e Pasteur e Darwin e Lyell, que nenhum deles é científico?

J. Lacan: Claro que são.

L. Ritvó: Mas eles não formularam esses conceitos matemáticos, suas obras estão desprovidas de expressão matemática.

Dr. Edelson: Ele invoca as matemáticas ao contrário de você. Essas são formas simbólicas que não tem nada a ver com a quantidade.

Prof. Hartman: A querela é sobre a interpretação do simbolismo dos matemas.

Prof. Dupré: Mas o problema é este: qual é o estatuto exato do simbolismo dos matemas? É um simbolismo universal ou um...

J. Lacan: É um simbolismo elaborado, sempre elaborado por meio de letras.

Prof. Hartman: Mas o que dizer das palavras? Mesmo se a ciência analítica contem matemas, há a questão da prática e da tradução de tais matemas na prática analítica que é verbal, não é assim?

J. Lacan: No entanto, há um mundo entre a palavra e a letra.

Prof. Hartman: Mas é a seu laço que você deseja mostrar...

J. Lacan: Sim, e isso me diverte.

Sra. Turkell: Como você articularia a ideia de que a psicanálise aspira ao estatuto de ciência com o que você disse dela como epidemia? Num sentido, é um fenômeno social...

J. Lacan: Uma epidemia não é um fenômeno social, pelo menos não no caso da ciência.

Sra. Turkell: O que é uma epidemia científica?

J. Lacan: É quando algo é tomado como uma simples emergência, mas que é, de fato, uma ruptura radical. É um acontecimento histórico que se propagou e que influenciou grandemente a concepção do que se chama universo, que em si mesmo tem uma base muito estreita, salvo no imaginário.

Prof. Hartman: Você nos concedeu muito tempo e sabedoria...

J. Lacan: Como eu me beneficieei de sua atenção vou tratar de dizer um pouco mais amanhã.

Prof. Hartman: Você terminou sua exposição com a palavra "destino" e agora nós terminaremos com a palavra "epidemia. Você respondeu, de fato, a uma epidemia de questões e estamos, em suma, muito agradecidos.



Jacques Lacan
24 de novembro de 1975
Entrevista com os Estudantes na Yale
University

Respostas às suas perguntas

Freud e seus erros?

O que Freud chamou o inconsciente: um saber expresso em palavras. Mas esse saber não se expressa somente em palavras que o sujeito que as pronuncia não tem nenhum tipo de ideia; essas palavras, é Freud que as reencontra em suas análises.

A escolha de meus pacientes e sua articulação com minha teoria?

Se trata de fazê-los entrar pela porta, que a análise seja um umbral, que haja para eles uma verdadeira demanda. Esta demanda: o que é isso do qual eles querem ser desembaraçados? Um sintoma.

Um sintoma é curável.

A religião é um sintoma. Todo o mundo é religioso, mesmo os ateus. Eles creem suficientemente em Deus para crer que Deus não está para nada aí quando estão doentes.

O ateísmo é a doença da crença em Deus, a crença de que Deus não intervém no mundo.

Deus intervém todo o tempo, por exemplo, sob a forma de uma mulher.

Os padres sabem que uma mulher e Deus são o mesmo tipo de veneno. Eles estão em guarda, deslizam sem cessar.

Talvez a análise seja capaz de fazer viável um ateu, quer dizer, alguém que não se contradiga a cada esquina.

Procuro fazer que esta demanda os force (aos analisantes) a fazer um esforço, esforço que será feito por eles.

Ser desembaraçado de um sintoma, eu não lhes prometo nada.

Porque, mesmo para um sintoma obsessivo, por mais volumoso que seja, não é certo que façam um esforço de regularidade para sair dele.

Nesta filtragem, há uma aposta, um elemento de sorte.

Ponho o acento sobre a demanda. É necessário, em efeito, que algo empurre. E talvez o melhor não seja se conhecer; quando alguém me demanda isso, eu os rejeito.

O que é um erro?

Eu chamo isso um err-ar³⁴, como a errância de um navio, os não-tolos erram³⁵. Os não-tolos, isso pode ficar preso e o sintoma é quando, para não ser tolo, isso fica preso de qualquer maneira.

O sintoma³⁶ não estava no pensamento corrente antes de uma certa época. Sinthoma: a palavra existe nos incunábulo, encontrei essa ortografia antiga no *Bloch et von Wartburg*, esta ortografia não é etimologia, pois está sempre em vias de reparação.

Eu ignorava que *Rabelais*, no século seguinte, escreveu: sintômato³⁷

Vou tentar preencher minha ignorância com um certo número de citações.

A importância da literatura em meus escritos?

Eu diria mais a letra. A literatura, ainda não sei muito bem o que é; no final das contas, é isso que está nos manuais, de literatura, entre outros. Tentei me aproximar um pouco; esta é uma produção, mas duvidosa e sobre a qual Freud era afeiçoado porque lhe serviu para preparar a via do

³⁴ “*Erre-eur*”, no original. “*Erre*” evoca vaguear, andar, errar (no sentido de errância e não só no de erro). Por essa razão traduzimos, logo em seguida, “*l’erre*” por errância mas poderia ser, também, já que está unida a navio, derivar.

³⁵ “*Les non-duppés errent*”, (aqui, estranhamente, com um “*p*” a mais) é título do seminário que Lacan ofereceu nos anos 1973-1974 que, homofonicamente, retoma “*les nom du père*” ou seja, os nomes do pai. A ideia, cheia de camadas de significações, de que aqueles que não são tolos erram é, nesse seminário, largamente desenvolvida.

³⁶ Esse primeiro sintoma está grafado “*symptôme*”. O que o segue, em consonância com o seminário contemporâneo a essa entrevista, se escreve “*sinthome*”.

³⁷ “*Symptomaté*”.

inconsciente. Quando ele imputou a *Jensen* ter seguido não sei qual linha desconhecida na função bastante fantasiosa que ele, Freud, imputava à mulher, *Jensen* lhe respondeu que ele nunca havia visto nada disso e que não havia feito mais que rabiscar, que deixar escorrer de sua pena.

Há uma inflexão da literatura; ela já não quer dizer em nossos dias o que queria dizer nos tempos de *Jensen*. Tudo é literatura. Eu também a fiz porque isso vende: meus Escritos, é a literatura a qual tento dar um pequeno estatuto que não é aquele que Freud imaginou. Freud estava convencido que ele fazia ciência; ele distingue soma/gérmem, toma emprestado termos que tem seu valor na ciência. Mas o que ele fez é uma espécie de construção genial, uma prática e uma prática que funciona.

Eu não imagino fazer ciência quando faço literatura. No entanto, é literatura porque é escrito e se vende; e é literatura porque tem efeitos, e efeitos sobre a literatura.

Isto é muito difícil de agarrar.

Porque não me agarraria a mim mesmo como um efeito?

Quando um rio corre há pequenas correntes particulares.

A corrente central tem o aspecto de aspirar as outras, mas é simplesmente porque as outras fazem confluência.

Quais são os teóricos da psicanálise com os quais estou em relação de simpatia?

Os médicos tomam os sintomas por signos.

O sintoma no sentido psicanalítico é todo de outra natureza que o sintoma orgânico, os analistas não são idiotas nesse ponto.

O primeiro que teve a ideia do sintoma foi *Marx*.

O capitalismo se marca por um certo número de efeitos que são sintomas; é um sintoma na medida em que *Marx* imputa à humanidade o fato de ter uma norma, e ele

escolhe a norma proletária (quando o homem está limpo, todo nu, então é Adão)

Se existe uma lei cardinal da psicanálise é a de não falar a torto e a direito, mesmo em nome das categorias analíticas. Não à análise selvagem; nada de alisar as palavras que não tem sentido mais que para o próprio analista.

É de meus analisantes que eu aprendo tudo, que eu aprendo o que é a psicanálise. Eu tomo emprestado deles as minhas intervenções, e não o meu ensino, salvo se eu sei que eles sabem perfeitamente o que isso quer dizer.

A palavra "palavra", eu a substituí pela palavra "significante", e isso significa que ele se presta a equívocos, quer dizer, tem sempre diversas significações possíveis.

E, na medida que que vocês escolhem bem seus termos, isso vai empurrar o analisante, vocês encontrarão o significante elidido, aquele do qual se trata.

Em nenhum caso uma intervenção psicanalítica deve ser teórica, sugestiva, quer dizer, imperativa; ela deve ser equívoca.

A interpretação analítica não é feita para ser compreendida, é feita para produzir vagas.

Portanto, que não se vá ali com tamancadas, muitas vezes o melhor é ficar calado; se deve apenas escolher.

É preciso ter sido formado como analista. Não é que porque ele foi formado que, de tempos em tempos, isso não lhe escape; formado, quer dizer ter visto como o sintoma, isso se completa.

Na análise, não há cena senão quando existe passagem ao ato. Não há passagem ao ato senão como um mergulho no furo do cursor, sendo o cursor seguramente o inconsciente do sujeito.

Não é mais que a propósito da passagem ao ato que eu falei de cênico.

Os modelos de que me sirvo são simbólicos?

Eu me esforço e até mesmo me mato por isso. Isso me consome, porque o inconsciente não se presta a isso.

Esses nós borromeus não são fáceis de mostrar nem de demonstrar, porque não se o representa inteiramente.

No que se refere a essas histórias de nós, nós temos ainda que inventar tudo, pois nada é menos intuitivo que um nó. Tentem representar o menor que seja, depois o seguinte e o seguinte, e ver a relação que há entre eles: isso quebra a cabeça. Tudo está por construir.

Não é porque eles tem um caráter não verbal que os utilizo. Tento, ao contrário, verbalizá-los.

A verdade?

Ela tem uma estrutura de ficção porque passa pela linguagem e a linguagem tem uma estrutura de ficção.

Ela não pode senão se meio-dizer. Jurar dizer a verdade, nada mais que a verdade, toda a verdade: isto é justamente o que não será dito. Se o sujeito tem uma pequena ideia, é justamente o que ele não dirá.

Existem verdades que são da ordem do real. Se eu distingo real, simbólico e imaginário é bem porque existem verdades reais, simbólicas e imaginárias. Se existem verdades sobre o real é porque existem verdade que não se confessam.

A consistência da língua inglesa?

Jones disse que o inglês, graças a bifidez de sua língua (de raiz germânica e de raiz latina) poderia, passando de um registro a outro, tamponar as coisas: isso serve para que não vá longe demais.

É o equívoco, a pluralidade de sentidos, que favorece a passagem do inconsciente no discurso.

A autoanálise?

A autoanálise de Freud foi uma *writing-cure*³⁸ e creio que é por isso que falhou.

Escrever é diferente de falar.

Ler é diferente de ouvir.

A *writing-cure*, não creio nela.

O que quer dizer “ter que escrever”, a literatura, claro?... um surto³⁹.

Falo e literatura?

O falo é uma falta de nada do todo, um congestionamento. Ninguém sabe o que fazer com ele. O texto literário, malgrado suas aparências, é sem efeito. Ele não tem efeito a não ser sobre os universitários: isso os pica na bunda.

Quando eu me interesso por Joyce, é porque Joyce tenta ir mais além; ele disse que os universitários falariam dele durante trezentos anos⁴⁰.

A literatura tem tentado tornar-se algo mais razoável, algo que dê a sua razão. Entre as razões, há as péssimas: a de

³⁸ Em inglês, no original, e jogando, claro, com a *talkink-cure*.

³⁹ O significante é “*loufoquerie*” que remete tanto a “*folie*” (loucura) como a “*étrangeté*” (esquisitice) e a “*absurdité*” (absurdidade). Um surto, nos parece, congrega todos esses sentidos. Além disso surto remete ao que simplesmente escorre da pena de Jensen sem uma previsão, por exemplo, e que Lacan evocou à pouco.

⁴⁰ Pelo menos duas vezes Joyce fala sobre isso. A primeira delas foi a *Benoist-Méchin* que lhe pedia um esquema para decifrar Ulisses: “Se eu lhe desse tudo imediatamente, perderia a minha imortalidade. Coloquei aí dentro tantos enigmas e quebra-cabeças que mantereí os professores ocupador por séculos (...)”. A segunda, para *Terence White Gervais*: “Porque escreveu o livro dessa maneira?” lhe pergunta *Gervais*. Resposta: “Para manter os críticos ocupados por trezentos anos”. In ELLMANN, Richard. *James Joyce*. São Paulo: Globo, 1982, p. 642 e 865.

Joyce para se tornar um homem importante, por exemplo. Em efeito, chegou a ser um homem muito importante.

Como alguém se deixa enredar por esse ofício de escritor? Explicar a arte pelo inconsciente me parece muito suspeito, mas é o que ainda fazem os analista. Explicar a arte pelo sintoma me parece mais sério.

Verwerfung-Verleugnung⁴¹

Verwerfung, o julgamento que escolhe e rejeita.

Verleugnung se aparenta com a negação⁴². Em algum lugar, eu o havia traduzido por "desmentido"⁴³; isso me parece uma imprudência.

A negação tem, creio, uma relação com o real.

Há todo tipo de negações que vem do real.

As implicações políticas das suas investigações psicanalítica?

Em todo caso, não há nenhum progresso.

O que se ganha de um lado se perde por outro.

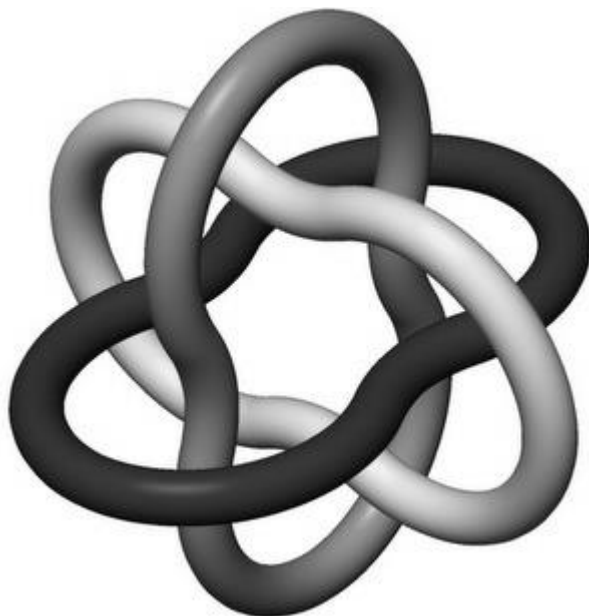
Como não se sabe o que se perdeu, se crê que ganhou. Minhas "reviravoltas"⁴⁴ supõe que isso é limitado.

⁴¹ Em alemão, no original.

⁴² “*Démenti*” traduzido aqui simplesmente por negação e em contraposição à “*dénégation*” (denegação).

⁴³ “*Désaveu*” pode também significar desautorização e/ou repúdio.

⁴⁴ “*Tortillons*” que pode significar torções e/ou reviramentos.



Jacques Lacan
2ª Conferência da Universidade de Yale
25 de Novembro de 1976
Law School Auditorium

A histérica produz saber.

A histérica é um efeito, como todo sujeito é um efeito. A histérica força a "matéria significante" à confessar e desse fato constitui um discurso.

Sócrates foi quem começou.

Ele não era histérico, mas algo pior: um mestre sutil. Isso não o impediu de ter sintomas histéricos: aconteceu de ele permanecer sobre um pé e não conseguir se mover⁴⁵, e de nenhuma maneira se podia tirá-lo do que nós chamamos catatonia. E isso não impediu que ele tivesse muitos efeitos: como a histérica, ele dava a luz a não importa quem de seu saber, um saber, em suma, que ele mesmo não conhecia.

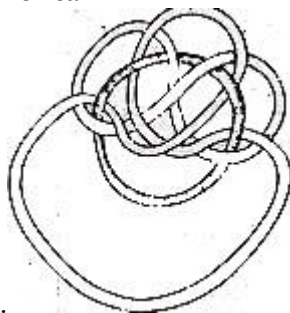
Isso se assemelha ao que Freud, mais tarde, chamou o inconsciente; Sócrates de um certo modo, era um analista⁴⁶ não muito ruim.

⁴⁵ Lacan refere-se ao início dO *Banquete*, de Platão. Sócrates estava caminhando com Aristodemo em direção ao encontro sobre o amor e, de repente, estaca. Ele é, então, encontrado por um escravo de Agatão na seguinte condição: “Sócrates se achava de pé, retirado no vestíbulo de uma casa vizinha, e que, por mais que lho rogasse, se recusava a entrar”. PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Athena, 1976, p. 16.

⁴⁶ Lacan frequentemente retoma esse assunto para nem sempre dizer as mesmas coisa. No seminário originalmente intitulado *A Transferência, sua Disparidade Subjetiva, sua Pretendida Situação e suas Excursões Técnicas* (1960-1961) ele afirma que “Sócrates foi o primeiro analista” (LACAN, Jacques. *A Transferência, Livro 8*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p. 24). Já em sua *Alocução sobre o Ensino* ele ousa “reconhecer em Sócrates a figura da histeria” (LACAN, Jacques. *Alocução sobre o Ensino, in Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 307). Como esse assunto ainda faz tinta correr, gostaríamos de citar uma passagem de *O Governo de Si e dos Outros*, de Michel Foucault, que aborda o mesmo tema e falando em mestria coloca Sócrates no campo da mascarada: “Nessa ironia socrática, do que se trata? Trata-se de um jogo no qual o mestre finge não saber e conduz o discípulo a formular o que este não sabia antes”. (FOUCAULT, Michel. *Governo de Si e dos Outros*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 54.)

O escravo se define porque alguém tem poder sobre seu corpo. A geometria, é a mesma coisa, tem muito a ver com o corpo.

O corpo tem por propriedade de que se o vê, e mal. Se crê que é uma bolha, uma bolsa de pele⁴⁷. Aqui se trata de suporte, de figura, quer dizer de imaginário, com um material que eu coloco como real.

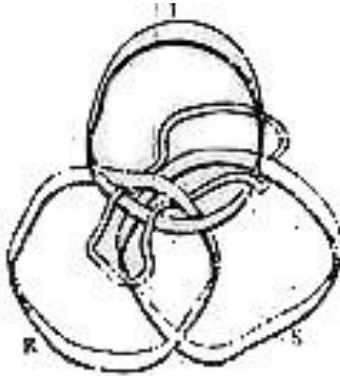


Como o escravo reagia?

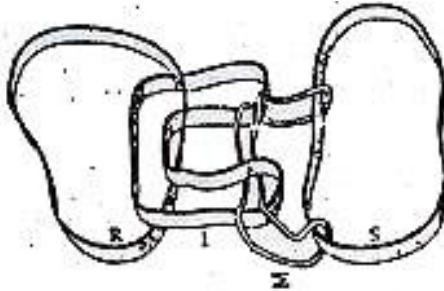
Ele sabia que o mestre atribuía um preço a seu corpo, era uma propriedade e isso por si só o protegia. Ele sabia que seu corpo não ia ser cortado pelo mestre: pouca possibilidade de que seu corpo fosse despedaçado⁴⁸. Se sabia ao mesmo tempo que estava sob o abrigo de muitas coisas.

⁴⁷ Lacan retomará essa ideia na conferência oferecida no MIT: “Depois que ele viu este corpo, o abstraiu, fez dele uma esfera: a boa forma. Isto reflete a bolha, a bolsa de pele”.

⁴⁸ “*Morcelé*” designa também desmembramento.



R, I e S são estritamente independentes. Se se puxa S até o fundo, totalmente atrás, então o nó se encontra sobre R, puxado por quatro pontos (que sem dúvida poderiam se aproximar), mas isso necessita que I passe sobre o S, então se tem isso:



Isso como diz mente: condimenta⁴⁹. O quarto círculo é o sintoma.

Entre o corpo, enquanto que ele se imagina e isso que o liga (a saber, o fato de falar) o homem se imagina que pensa. Ele pensa enquanto que fala. Esta palavra tem efeito

⁴⁹ O jogo de palavras empregado por Lacan é “*Ce qu’on dit ment: condiment?*” ou seja – e por aquilo que se segue – mente ao fazer junção ao que está, antes de mais nada, solto e, por isso mesmo, o tempera, a ponto de conseguirmos engolir por mentarmos (ou pensarmos) que é assim mesmo. Ou, mais sucintamente, o sintoma organiza RSI de uma forma tal que sua aparência enodada passa ser a única mentalmente possível.

sobre seu corpo. Graças a esta palavra ele é quase tão astuto quanto um animal. Um animal se desenvolve muito bem sem falar.

O real: nada mais que introduzir o termo, se pergunta o que ele diz. O real não é o mundo exterior; é bem a anatomia, isso tem relação com todo o corpo.

Se trata de saber como tudo isso se enoda.

O mínimo exigido era de que esses três termos, imaginário, simbólico (a saber, o lugar em que se papeia⁵⁰), real, cada um, foi estritamente igual aos outros dois, enodado de tal modo que cada parte foi igual.

Eu busco fazer uma outra geometria que aborde o que se refere à cadeia. Isso não foi feito jamais, jamais.

Esta geometria não é imaginária, como a dos triângulos, é a do real, a dos anéis de fio.

Suponham que o corpo, o papo-furado e o real foram, cada um por seu lado, por água abaixo...

O Isso de Freud, é o real.

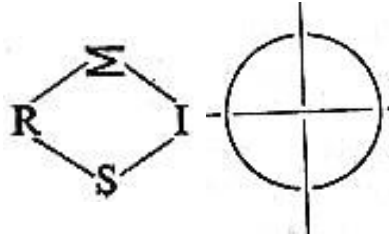
O simbólico, do qual surge o supereu, isso a ver com o furo.

Se é preciso um quarto elemento, isso é o que o sintoma realiza, enquanto que ele faz círculo com o inconsciente⁵¹.

Se queremos colocar o real e o imaginário nas duas extremidades, teremos:

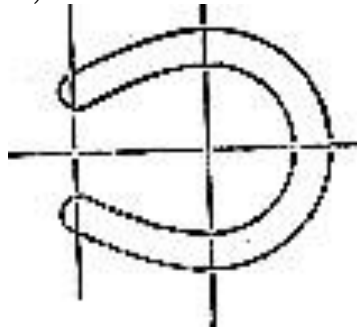
⁵⁰ “*Parloté*”, como está no texto, ou “*parlotié*” (com dois *pp* e mais usual) é, explicitamente um papo-furado, uma conversa fiada. Para dar ênfase a esse perspectiva, logo em seguida a traduzimos literalmente por papo-furado.

⁵¹ Lacan desenvolverá esses pontos, todos, em seu seminário *O Sintoma* (1975-1976). Falará, também, sobre o furo simbólico, o imaginário como corpo e o real como *Das Es* em sua *Conferência de 16 de Junho de 1975*, no *V Simpósio Internacional James Joyce*. Como seus comentários são extensos deixamos aqui apenas essas indicações como um convite à pesquisa.



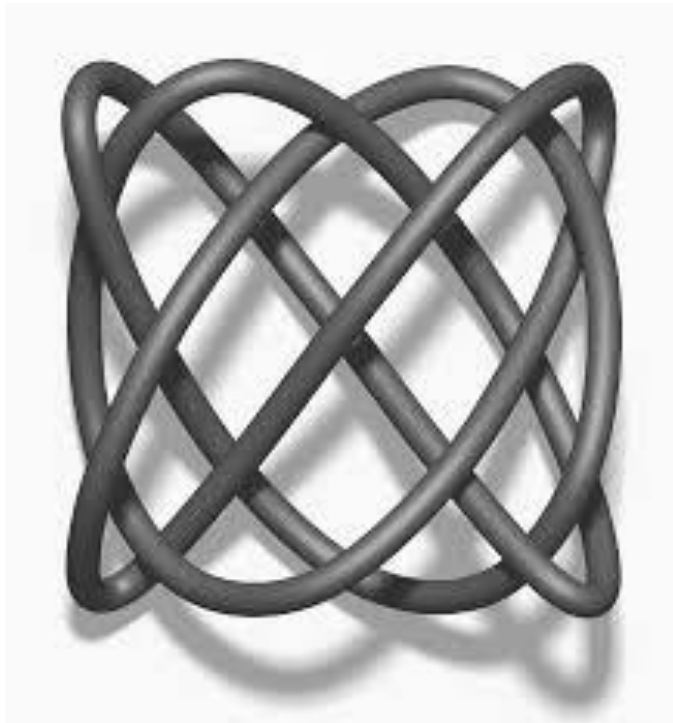
Se levantamos uma barra horizontal ou se puxamos para a direita ou para a esquerda a linha vertical vocês, vocês ficam presos, isso faz nó.

(A direita é equivalente ao anel de fio se se supõe ali um ponto ao infinito).



O sintoma é o que muitas pessoas têm mais real; para algumas pessoas, se pode dizer isso: o simbólico, o imaginário e o sintoma.

O gozo fálico está na junção do simbólico e do real, fora do imaginário, do corpo, enquanto alguma coisa que parasita os órgãos sexuais.



Jacques Lacan
Conferência na Universidade de Columbia
01 de dezembro de 1975
Auditório da Escola de Assuntos
Internacionais

O Sintoma

Na análise, existe, ao menos, é necessário dizer, certos resultados. Isto nem sempre é o que se espera: é porque se equivoca em esperar, isto é o que faz a dificuldade de ser analista. Os analistas, tentei especificar deles algo que denominei o discurso analítico.

O discurso analítico existe porque é o analisante quem o sustêm... felizmente. Se têm a sorte (s-o-r-t-e), a sorte de que algumas vezes é uma boa hora⁵² para encontrar um analista. Isso não ocorre sempre. Muitas vezes o analista crê que a pedra filosofal - se posso dizer assim - de seu ofício, isso consiste em se calar. O que eu digo sobre isso é bem conhecido. Depois de tudo é um engano, um desvio, o fato de que os analistas falam pouco. Ocorre que eu faço o que chamam supervisões. Não sei porque chamam a isso supervisão. Isso é uma superaudição. Quero dizer que é muito surpreendente que se possa, ao ouvir o que nos conta um praticante - surpreendente que através disso que ele disse se possa ter uma representação deste que está em análise, que é analisante. Esta é uma nova dimensão. Falarei daqui a pouco desse fato, a menção do dito, que eu não escrevo como se a escreve habitualmente em francês. O melhor é que eu faça um esforço e que lhes mostre com a escrevo:

dito-menção⁵³.

⁵² Os jogos significantes são aqui entre “*beureusement* (felizmente), *l’heur* (sorte e/ou hora), *bon-heur* (boa hora) e *bonheur* (felicidade)”. Lacan fez algo parecido no seminário *Les Non-Dupes Errent*, na aula de 18 de Setembro de 1974.

⁵³ No original “*dît-mension*” (dito-menção ou menção do dito) que é homófono a “*dimension*” (dimensão).

É assim como a escrevo... dito-menção... menção quer dizer - em inglês isso se compreende - *mention*⁵⁴, o lugar onde repousa um dito.

Então o analista ainda tem coisas a dizer. Ele tem coisas a dizer a seu analisante, a aquele que, pelo menos não está ali para se afrontar com simples silêncio do analista. O que o analista tem a dizer é da ordem da verdade. Eu não sei se vocês tem a verdade como algo muito sensível. Quero dizer: se têm uma ideia do que é a verdade. Todo discurso implica ao menos um lugar que é este da verdade. O que eu chamo discurso é uma referência a um laço social. A análise é desta ordem. Só que, como ele é muito novo, porque, depois de tudo, ele não data de tanto tempo, ele comporta um pacto. Um analisante sabe que o analista o esperará um certo número de vezes por semana e, à princípio, ele deve se prestar a isso. Senão o analista - mesmo que ele não tenha vindo - reclamará seus honorários. Naturalmente isso implica que o analista também tenha deveres. Ele deve estar ali. A verdade, depois de quando isso começa?

Isso começa à partir do momento em que se emprega frases. A frase é um dizer. E esse dizer é o dizer da verdade.

Em algum lugar - eu não só disse mas escrevi, que há uma nuance... há mais que uma nuance, há uma montanha entre o dizer e o escrito. A prova é que as pessoas se creem muito mais seguras de uma promessa quando elas tem o que se chama um papel. Um papel que é, por exemplo, um

⁵⁴ Em inglês, no original, ou seja, menção, e que remete a citação, registro, notação. Esse significante já foi traduzido por “diz-mensão”, por exemplo, em *Televisão* (Antônio Quinet – LACAN, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 22) mas além de menção não existir em português acabamos, aqui, por levar em consideração a diferença que Lacan faz em *O Aturdido* (LACAN, Jacques. *O Aturdido, in Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003) entre dito (*dît*) e dizer (*dire*) nos parecendo melhor enfatizar a paralisia, a fixação, o estancamento ou, como Lacan mesmo menciona, o lugar de repouso próprio ao dito.

reconhecimento de dívida. Esse papel dá suporte à verdade da promessa. Mal se vê que alguém diga: "este escrito não é meu". Em todo caso, é a partir deste momento que intervêm os especialistas, a saber, os grafólogos que dizem: "sim, é precisamente essa escrita". O que prova que uma escrita também tem algo de individual. Mas a escrita nem sempre existiu. Antes havia a tradição oral. Isso não impediu que as coisas fossem transmitidas de voz à voz. A origem do princípio da poesia, é isso.

Eu já enunciei um certo número de pontos sobre o que é a verdade. É sustentável dizer que a verdade tem uma estrutura de ficção⁵⁵. Isto é o que normalmente se chama o mito - muitas verdades têm uma existência mítica⁵⁶ - é bem nisso que não se pode esgotar, dizê-la toda. É o que eu enunciei sob esta forma: da verdade, não há mais que meio-dizer⁵⁷. A verdade, se a diz como pode, isto é, em parte. Só que isso se apresenta, isso se apresenta como um todo.

E é aqui que reside a dificuldade: é que é necessário fazer sentir a aquele que está em análise que esta verdade não é toda, que ela não é verdadeira para todo o mundo, que ela não é - esta é uma velha ideia - que ela não é geral, que ela não vale para todos. Como essa coisa é possível, que exista analistas? A coisa não é possível mais que pelo fato de que o analisante recebe sua cognição - se posso dizer - ao observar uma regra, de não dizer mais do que ele pode ter a dizer,

⁵⁵ Lacan enuncia exatamente isso na *Entrevista com os Estudantes na Yale University*, que faz parte dessa série de encontros nos EUA: "A verdade? Ela tem uma estrutura de ficção porque passa pela linguagem e a linguagem tem uma estrutura de ficção".

⁵⁶ Vale lembrar aqui uma das definições que Lévi-Strauss dá para mito: "O objetivo do mito é, de fato, fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição". LÉVI-STRAUSS, Claude. *A Estrutura dos Mitos, in Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 328.

⁵⁷ "Mi-dire", meio-dizer, semi-dizer.

aquilo que lhe sai do coração⁵⁸, como se diz em francês. É o que faz eco, mas não é porque algo faz eco que está especificado; o que é fazer eco é uma muito velha ideia do que era o centro do ser dito humano - aquele que se chama *anthropos*: o centro era o coração - *tumos*⁵⁹ - é assim ao menos como se o designava; o que estava sob o coração era epítumiano. Mas esta era uma concepção que dava ao homem um privilégio. Havia duas espécies de homem: aquele que se especificava por ser de uma *polis* - ...*lambda*, *iota*, *sigma*⁶⁰ - de ser um cidadão, e só ele era um ser humano de pleno direito. Seguramente tudo isso se embaralhou. No entanto, através de diferentes estruturas a relação chamada política continuou existindo. Ao menos ela existe mais solidamente que qualquer outra.

Franqueei o caminho para alguma coisa que chamei o dizer a verdade. O analista adverte, antes que o postulante entre em análise, ele lhe adverte que deve dizer tudo. Que quer dizer "tudo dizer"⁶¹? Isso não pode fazer sentido. Não pode querer dizer mais do que dizer qualquer coisa. De fato é o que se passa. É por aí que alguém entra em análise. O estranho é que se passa qualquer coisa que é da ordem de uma inércia, de uma polarização, de uma orientação. O analisante (se a análise, isso funciona, isso avança) chega a falar de um modo cada vez mais e mais centrado, centrado sobre alguma coisa que depois de tudo se opõe à *polis* (no sentido de cidade), que é saber sobre sua família particular. A inércia que faz com que um sujeito não fale mais do que

⁵⁸ No original, “*tient à cœur*”.

⁵⁹ Parece que Lacan, aqui, se refere a *thymo* (em latim) ou timo (e não tumos, que segundo nossas pesquisas simplesmente não existe), um órgão que está realmente sob o coração e que significa, etimologicamente, energia vital. Dessa forma “*építumien*” poderia ser vertido para epítimiano ou epithymiano.

⁶⁰ “*Anthropos, polis, lambda, iota e sigma*” estão em latim, no original.

⁶¹ “*Tout dire*” está entre aspas, no original.

de papai ou mamãe ainda é um caso curioso. Dizer não importa o que, é curioso que se siga esta inclinação, que isso faça, que isso termine por fazer como água, por fazer um rio, um rio de retorno àquilo pelo qual alguém se sustem em sua família, quer dizer, pela infância. Se pode dizer que ali se explica o fato de que o analista não intervém mais do que numa verdade particular, porque uma criança não é uma criança abstrata. Ela teve uma história e uma história que se especifica por esta particularidade: não é a mesma coisa haver tido sua mamãe e não a mamãe do vizinho; o mesmo para seu papai.

Um papai, não é totalmente isso que se crê. Não é forçosamente aquele que fez em uma mulher essa criança. Em muitos casos não há nenhuma garantia, dado que à mulher, apesar de tudo, lhe pode acontecer muitas coisas, sobretudo se ele fica um pouco para trás. É por isso que papai não é, depois de tudo, forçosamente, aquele que é - é o caso de dizer - o pai no sentido real, no sentido da animalidade. O pai é uma função que se refere ao real e não é forçosamente a verdade do real. Isso não impede que o real do pai seja absolutamente fundamental na análise. O modo de existência do pai detém⁶² o real. Este é o único caso em que o real é mais forte do que o verdadeiro. Digamos que o real, ele também, pode ser mítico. Isso não impede que, pela estrutura, seja tão importante como todo dizer verdadeiro. Nesta direção é o real.

Isto é muito perturbador. É muito perturbador que exista um real que seja mítico e é bem por isso que Freud manteve tão fortemente, em sua doutrina, a função do pai.

⁶² “*Le mode d'existence du père tient au réel*”, no original. *Tient*, aí, significa detenção, contenção e, ao mesmo tempo, apoio, sustentação, como no filme *Uma Noite em Casablanca*: *Alors qu'Harpo est appuyé contre un mur, un policier arrive qui lui demande ce qu'il fait là. Harpo répond qu'il tient le mur et, lorsque le policier le fait circuler, le mur s'écroule*. Sem Harpo, então, o muro cai. Assim, na frase de Lacan, *tient au réel* significa que o pai impede que o real avance e ao mesmo tempo lhe apoia.

Bem. Até agora eu falei lentamente para que vocês entendam ao menos algumas verdades fundamentais, mas devo lhes dizer isto: é que, como eu ensino faz um tempo excessivo, eu nem me recordo mais o que disse pela primeira vez - aquilo que vocês encontrarão reproduzido no *Seminário I*, publicado há quase vinte e dois anos, publicado numa reprodução de meu seminário - confio na estenografia e na pessoa que quis estar segura de colocar as coisas em seu próprio francês⁶³, isto é, alguém de meu parentesco imediato que quer fazer bem esse trabalho.

O que enunciei em primeiro lugar concernente ao dizer, ao dizer da verdade, é que a prática nos ensina. E eu comecei, no que acabei de enunciar, eu comecei isso: é que uma análise é um por-dito⁶⁴. Uma partida entre alguém que fala, mas que está advertido de que seu papo-furado tem importância. Vocês sabem que existem pessoas com as que

⁶³ O seminário é *Os Escritos Técnicos de Freud*, de 1953-1954. E seu redator – ou estabelecedor – foi e é seu genro, Jacques-Alain Miller. Nos parece interessante reproduzir uma “notícia” que apareceu primeiramente no seminário *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964) mas que também aparece reproduzido no final do *seminário I*:

“Aqui se quis não ser levado em conta, e procurar da obra falada de Jacques Lacan, a transcrição que terá fé, e valerá, no futuro, como o original, que não existe.

Não se pode, com efeito, tomar como tal a versão que fornece a estenografia, onde formiga o mal-entendido, e onde não vem suprir o gesto e a entonação. Versão contudo *sine qua non*, que se mensurou, retificou, termo a termo – a sobra não montando a só três páginas.

O mais escabroso é inventar uma pontuação, pois que toda escansão – vírgula, ponto, travessão, parágrafo – decide do sentido. Mas obter um texto legível era a este preço, e é segundo os mesmos princípios que o texto de todos os anos do seminário será estabelecido” (MILLER, Jacques-Alain. Notícia, in *Os Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986, p. 329) ou seja, da língua de Lacan um outro francês toma e tomará conta.

⁶⁴ “*Par-dit*”, no original, por ou pelo dito. Lacan o faz soar próximo ao significante “*partie*”, partida, jogo, usado logo em seguida.

se tem que ver na análise, com as quais é duro de se obter isso; existem alguns para quem dizer algumas palavras não é fácil. Se chama a isso autismo. Isto se diz rápido. Não é forçosamente assim.

São simplesmente pessoas para quem o peso das palavras é muito sério e que não estão muito dispostas a tomar com gosto estas palavras. Algumas vezes tenho que responder a casos, como aquele dessa famosa supervisão de que falei à pouco que, mais simplesmente, chamamos em francês controle (o que não quer dizer, bem entendido, que nós acreditamos controlar nada). Eu, muitas vezes em meus controles - ao menos no começo - encorajo muito o analista - ou aquele ou aquela que se crê como tal - o encorajo a seguir seu movimento. Eu não penso que seja sem razão que - não que ele se ponha nessa posição, isto é muito pouco controlado - eu não penso que seja sem razão que alguém venha contar algo simplesmente em nome disto: que lhe foi dito que ele era um analista. Não é sem razão porque ele espera alguma coisa disso. Agora, do que se trata mesmo é de compreender como pode funcionar o que acabo de lhes descrever com traços grosseiros.

Funcionar de uma forma tal que se perpetua, no entanto, quando o laço social constituído pela análise salta. É aí que eu tomo parte e que digo... - em algo onde, por um lado, há alguém que fala sem a menor preocupação de se contradizer e, do outro, alguém que não fala - porque, na maior parte do tempo, é necessário deixar a palavra àquele que está ali para alguma coisa; quando ele fala se supõe que diz a verdade, mas não importa qual, a verdade é que é necessário que o analisante ouça. É necessário que o analisante ouça: por que? Pelo que ele espera, a saber, ser liberado do sintoma.

O que é que se pode supor que, por dizer, alguém seja liberado do sintoma? Isso supõe que o sintoma e este tipo de intervenção do analista - me parece que isto é o mínimo que se pode antecipar - são da mesma ordem. O

sintoma lhe diz algo. Ele diz, é outra forma do verdadeiro dizer, e o que em suma faz o analista é tratar de fazer um pouco mais do que deslizar sobre. É bem por isso que a análise, a teoria analítica, usa um termo como resistência. O sintoma, isso resiste, não é alguma coisa que vai embora por si só; mas apresentar uma análise como algo que seria um duelo, é totalmente contrário à verdade, é bem por isso que tentei - ao longo do tempo, isso não veio de imediato - de construir algo que desse conta do que se passa⁶⁵ numa análise. Eu não tenho a menor "concepção do mundo"⁶⁶, como se diz. O mundo é uma encantadora concha em cujo centro se põe essa pedra preciosa, essa coisa única que seria o homem. Ele é suposto ter (uma vez dado esse esquema) coisas que palpitam nele: um mundo interior. E depois, o mundo seria um mundo exterior. Não creio de jeito nenhum que isso seja suficiente. Não creio de jeito nenhum que exista um mundo interior, reflexo de um mundo exterior, e muito menos no contrário. Eu tentei formular alguma coisa que supõe incontestavelmente uma organização mais complicada. Se nós dizemos - nós, analistas - que existe um inconsciente, isso está fundado sobre a experiência. A experiência consiste nisto, é que desde a origem, existe uma relação com "lalíngua"⁶⁷ que merece ser chamada, a justo

⁶⁵ A referência aqui é ao procedimento do passe, instituído por Lacan em 1967.

⁶⁶ Vale lembrar que Freud afirma que a psicanálise não é uma *Weltanschauung*, ou seja, uma visão ou concepção de mundo.

⁶⁷ No original e entre aspas "*lalangue*", traduzida por nós e seguindo as interessantes considerações de Haroldo de Campos, por lalíngua. Para maiores informações é interessante consultar o texto/palestra/conferência/diálogo *O Afreudisiaco Lacan na Galáxia de Lalíngua (Freud, Lacan e a Escritura)*, encontrável em:

<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/afreudite/article/view/824> ou <http://biblioteca.versila.com/2300001/o-afreudisiaco-lacan-na-galaxia-de-lalingua-freud-lacan-a-escritura>

título, maternal, porque é pela mãe que a criança - se posso dizer assim - a recebe. Ela não aprende. Há uma pista. E é muito surpreendente ver como uma criança manipula muito cedo coisas tão gramaticais, como o uso da palavras "pode ser" ou "ainda não". Seguramente ela ouviu isso, mas que ela não compreenda seu sentido é algo que merece toda nossa atenção.

Há na linguagem alguma coisa que está estruturada. Os linguistas se encerram aí, para manifestar essa estrutura que se chama gramatical. E que a criança esteja aí tão à vontade, que se familiarize tão cedo com o uso de uma estrutura que - não é por nada que isso tenha sido identificado aí, mas de um modo elaborado - é o que se chamam figuras de retórica, para manifestar que não se lhe ensina a gramática. Se elabora a gramática à partir do que já funciona como palavra. E isso não é o que existe de mais característico. Se eu empreguei o termo: "o inconsciente é estruturado como uma linguagem"⁶⁸ é bem porque quero manter que uma linguagem, isso não é a linguagem. Existe alguma coisa na linguagem já demasiado geral, demasiado lógico.

É todo o sistema que se apresenta como se fosse inato, que se apresenta quando a criança joga, à propósito da

Nos parece interessante apontar, também, o momento (*O Saber do Psicanalista* – Seminário 1971-1972, aula de 04 de Novembro de 1971) em que *lalangue* surge pela primeira vez: “Enfim, há 10 anos tínhamos feito um outro achado que também não era ruim a respeito do que devo chamar meu discurso. Eu o tinha iniciado dizendo que o inconsciente era estruturado como uma linguagem. Tínhamos encontrado um troço formidável: os dois melhores caras que puderam trabalhar nessa trilha, tecer esse fio, tínhamos dado a eles um trabalho muito bonito: *Vocabulário da Filosofia*. O que foi que eu disse? *Vocabulário da Psicanálise*. Vocês vêem o lapso? Enfim isso vale o *Lalande*... *Lalangue*, como escrevo agora, não tenho o quadro negro, bem, escrevam *lalíngua* (*lalangue*) numa só palavra; é assim que a escreverei doravante”

⁶⁸ “*L'inconscient est structuré comme un langage*” está entre aspas, no original.

partida de sua mãe, com o enunciado que tanto surpreendeu Freud - aquele de um de seus netos - o enunciado Fort-Da. É lá que tudo se insere. É já, esse Fort-Da, uma figura de retórica.

Alguém, de quem estou um pouco surpreso que tenha me citado, porque eu nem sequer sabia que ele me conhecia - ele me conhece manifestadamente através de Paul de Man, Paul de Man que me acolheu em Yale, Paul de Man a quem, com certeza, não posso estar mais reconhecido por todo o cuidado que dispensou para organizar minha chegada às Américas - mas, ainda assim, me surpreende que tantas pessoas, depois de tudo, digam certas coisas que não estão tão longe do que eu digo... Assim se produz em muitos lugares uma espécie de pequeno turbilhão, uma maneira de dizer que é isso o que chamo, eu, o estilo. Eu não tenho "concepção de mundo"⁶⁹ mas tenho um estilo, um estilo que, naturalmente, não é de todo fácil, mas aí está todo o problema. O que é um estilo? O que é uma coisa? O que é um modo em que um estilo se situa, se caracteriza? Eu, no tempo em que só falava com os camaradas, o mais natural era dizer, "não é totalmente assim", e se o que escrevi depois de tê-lo dito, se isso que escrevi, ao elaborar o que disse, tem um selo, é aquele que marca o que eu trato de manter com mais proximidade e que é o "totalmente assim"⁷⁰. Claro, não é fácil, não é fácil partir como fazem, por exemplo, os estruturalistas, de uma divisão entre natureza e cultura. A cultura, eu, é o que tentei desmembrar sob a forma de quatro discursos, mas é claro que isso não é limitante. É o discurso que flutua, que sobrenada na superfície de nossa política, quero dizer, de nosso modo de conceber um certo laço

⁶⁹ Entre aspas, no original.

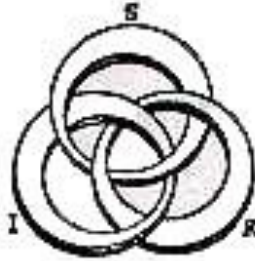
⁷⁰ "*Ce n'est pas tout à fait ça*" e "*tout à fait ça*", que também podem ser traduzidos por "isso não é bem assim" e por "isso é bem assim". Preferimos, contudo, a versão que está acima para enfatizar o todo, o "*tout*" que se diz dentro das frases de Lacan.

social. Se o laço foi puramente político, nós adicionamos ali outra coisa. Adicionamos o discurso que se chama universitário, o discurso que se chama científico, que não se confundem, contrariamente ao que se imagina. Não é por nada que ao discurso científico se lhe reservem no campo universitário faculdades especiais. Se o tem à margem, mas isto não é por nada. Mostrei em algum lugar⁷¹ que há uma relação, que não é anódina, entre o discurso científico e o discurso histórico. Isso pode parecer bizarro - em um certo encadeamento ao redor de certas funções que defini empregando um certo S1 e um certo S2, que não tem a mesma função, e também um S⁷², que eu chamo sujeito, e um certo objeto (a), em uma certa ordem que gira sobre essas quatro funções - o discurso científico não se distingue do discurso histórico senão pela ordem pela qual tudo isto se reparte.

Tudo isso resultou em alguma coisa que se pode desenhar empregando várias cores diferentes. Eu acreditei poder ligar o simbólico (é esse, é arbitrário) o real e o imaginário.

⁷¹ Na realidade, em alguns lugares. Por exemplo, em *Radiofonia*: “ao inscrever a ciência no registro do discurso histórico” e “por paradoxal que seja a asserção, a ciência toma seus impulsos do discurso da histórica” (LACAN, Jacques. *Radiofonia*, in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 431 e 436). E na aula de 17 de Fevereiro de 1971, do seminário *De um Discurso que não Fosse Semblante*: “não falemos do discurso histórico, é o próprio discurso científico” (LACAN, Jacques. *De um Discurso que não Fosse Semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009, p. 66). E, enfim, em *Televisão*: “o discurso científico e o discurso histórico têm *quase* a mesma estrutura” (LACAN, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 23).

⁷² Esse S, no original, não está barrado.



O que acontece depois de termos distinguido esse simbólico, este imaginário e este real e de tê-los especificado, com o fato de que o simbólico, é nosso laço com a linguagem, e que é por esta distinção que somos seres falantes? É um círculo vicioso dizer que nós somos seres falantes. Nós somos “falasseres”⁷³, palavra que tem a vantagem de substituir o inconsciente, de equivocar sobre o papo-furado, por um lado, e sobre o fato de que é pela linguagem que nós mantemos essa loucura que existe no ser: porque é certo que cremos nisso, cremos nisso por causa de tudo o que parece fazer substância; mas em que é do ser, além do fato de que a linguagem usa do verbo ser? Ela usa do verbo ser, mas moderadamente. O homem, se poderia dizer que ele é um corpo e isso seria muito sensato, pois é evidente que o fato de que ele consiste em um corpo é o que há de mais certo. Se têm emitido algumas dúvidas sobre a existência de um mundo exterior em nome de que, depois de tudo, não temos dele mais que percepções, mas é suficiente se deparar (como eu mesmo me deparei, em um curto espaço de tempo) se deparar com um solavanco encontrando-se com alguma coisa dura, para que seja totalmente manifesto que existem coisas que resistem, que existem coisas que não se movem tão facilmente; em troca, aquilo sobre o que o homem insiste, não é em que ele seja um corpo, mas, como

⁷³ “*Parlêtres*”, entre aspas no original.

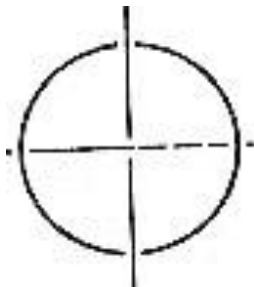
ele se exprime (há aí alguma coisa de surpreendente) que ele tem um.

Em nome de que se pode dizer que ele tem um corpo? Em nome de que ele o trata de qualquer maneira⁷⁴, o trata como um mobiliário. O coloca em vagões, por exemplo, e lá se deixa levar. Isso ao menos era verdade e isso teve início quando se o colocou em carrinhos de bebê. Então eu diria que esta história de falasser, isso se reúne com esta outra apreensão do corpo e isso não vai só. Eu quero dizer, que um corpo tem outra forma de consistir que esta que tenho designado aqui sob uma forma falada, sob a forma do inconsciente, enquanto que é da palavra como tal que ele surge. É por marcas que nós vemos o traço do que nele é do inconsciente. São marcas deixadas por uma certa forma de relação com um saber, que constitui a substância fundamental do que se refere ao inconsciente. O inconsciente, nós imaginamos que é alguma coisa como um instinto, mas isso não é verdade. Nos falta inteiramente o instinto, e o modo em que reagimos está ligado não a um instinto, mas a um certo saber veiculado não tanto por palavras mas pelo que chamo significantes. Os significantes; isso é o que diz, é uma retórica claramente muito mais profunda, é o que se presta ao equívoco. A interpretação deve sempre - no analista - ter em conta que nisso que é dito existe o sonoro, e esse sonoro deve consonar com o que é do inconsciente.

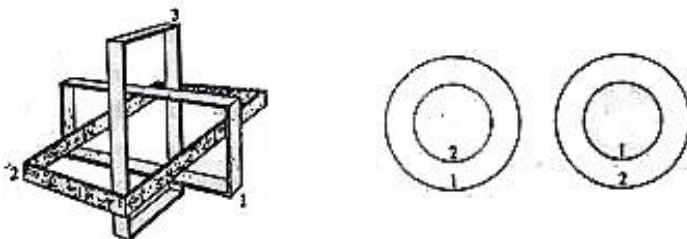
Há alguma coisa de importante neste modo de representar o laço: o laço do simbólico, do imaginário e do real, e aqui está o que é. Não é necessariamente de forma plana que devemos colocar estes três termos. O corpo, é claro, também tem uma forma, uma forma que nós cremos

⁷⁴ Lacan usa aqui uma expressão idiomática, “à la va comme-je-te-pousse”, que pode também ser traduzida por deixar em desordem, descuidadamente, sem armazenamento.

que é esférica, mas devemos, também, saber desenhar as coisas de outra maneira.

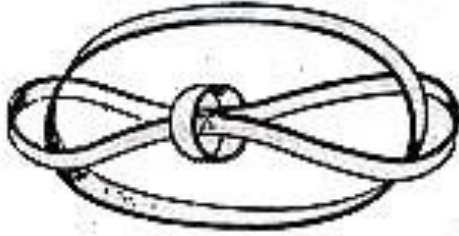


E é, como vocês veem, notável que para um objeto que também me é familiar, vocês também possam imaginar que esta seja a minha forma de desenhar o nó, e que eu seja forçado a guardar num papelzinho. Isso quer dizer que não é tão natural desenhar isso assim. Então, isto é um nó.

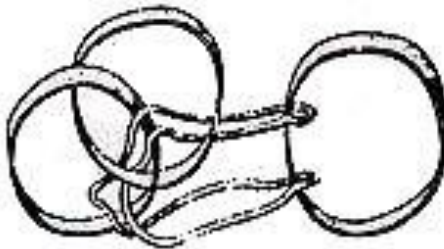


Eu espero que todos vejam que isso faz nó. O que isso quer dizer? Isto quer dizer que, em vista desta referência à esfera, o 1 envelopa o 2. O 1 em relação ao 2, pode se lhe fazer a volta muito exatamente, por outro lado como pode ser feito pelo 1 a volta de 2. Mas o que quer dizer o fato de que o 3 se disponha dessa forma? Ele se dispõe de uma forma que se faz sensível por esta maneira de dispor o que nós chamamos, nesta ocasião, a esfera e a cruz, exceto que não é uma esfera mas um círculo. Um círculo, não é totalmente a mesma coisa que uma esfera. Suponham que eu

dobro isso pelo meio e obteremos isto, que é mais uma forma do que podemos enunciar como sendo um nó borromeu.



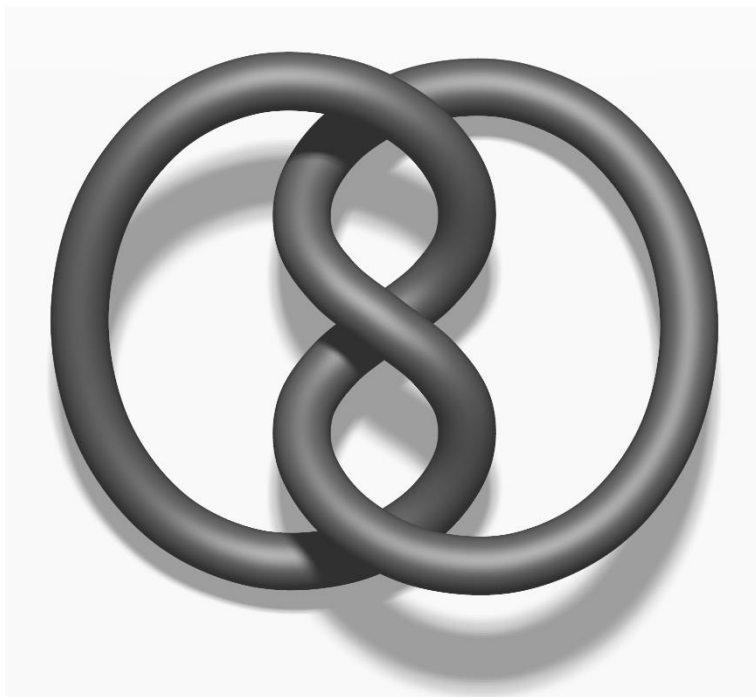
Quero dizer que, de qualquer forma que o número 3 aqui envelope o 1, ele é envelopado pelo outro, mas é envelopado pelo outro em uma terceira dimensão. Contrariamente ao que se imagina - nós que somos ambiciosos e que passamos nosso tempo sonhando com uma quarta - faríamos melhor em pensar no peso que tem a terceira dito-menção⁷⁵ (aquela que à pouco descrevi). Seria necessário maravilhar-se com a terceira antes de fazer uma a mais. Não há nada mais fácil do que fazer uma a mais. Quando elas estão todas separadas, à saber, se supomos três círculos... que vão todos à deriva, é suficiente fazer uma quarta; é suficiente reuni-las por meio de um círculo de uma maneira tal que isso forme um anel, para que nós reencontremos o que faz a consistência desses três círculos.



⁷⁵ Ver nota 3.

Depois de lhes ter fornecido esses nós que culminam nesta noção de que não há espaço, que não existem mais que nós - ou, mais exatamente, que é em função dos nós que pensamos o espaço - agora, já que não termino demasiado tarde... eu ficaria feliz em ouvir suas questões⁷⁶.

⁷⁶ Essas questões, não sabemos se foram feitas e em seguida respondidas por Lacan. O fato é que não nos foi possível encontra-las em lugar algum e essa conferência, no final das contas, se encerra aqui.



Jacques Lacan
Conferência no Instituto Tecnológico de
Massachusetts
02 de Dezembro de 1975

A linguística é por onde a psicanálise poderia se agarrar à ciência.

Mas a psicanálise não é uma ciência, é uma prática.

Ao falar comigo agora mesmo, o Sr. Quine me fez uma pergunta sobre o que eu devia a Claude Lévi-Strauss: eu lhe devo muito, senão tudo. Isso não impede que eu tenha da estrutura uma noção totalmente outra do que a sua.

Eu penso que a estrutura não tem nada a fazer com a filosofia, que raciocina sobre o homem como pode, mas que põe em seu centro a ideia de que o homem foi feito para a sabedoria.

Não tenho nenhuma amizade, conforme o pensamento de Freud, pela sabedoria. Eu não faço filosofia porque ela está muito longe desse alguém que se endereça a nós para que lhe respondamos com sabedoria.

Tentei densificar, formular alguma coisa concernente a nossa prática, alguma coisa que seja coerente. Isso me levou a elucubrações que me incomodam muito.

Isso me levou a um ensino que levo com muita prudência. Eu passei ao ensino porque me demandaram isso, Deus sabe porquê.

É certo que a prática, depois de Freud, se veicula de uma forma tal que não se pode perguntar se Freud acreditava que sobreviveria só por ela.

Da forma em que ele fez isso, se pode pensar que aqueles formados pela prática mesma, tenham verdadeiramente autoridade para decidir o que era do analista. A questão a qual cheguei: quem é capaz de ser um analista?, conduziu um certo número de pessoas que me cercavam a me deixar (isso na sequência da criação de um inquérito: como alguém, depois de uma experiência analítica, podia se colocar na situação de ser analista?)

Isso me levou muito longe, como eu disse em minhas conferências precedentes nos USA⁷⁷; os pontos aonde isso

⁷⁷ Assim mesmo, no original.

me levou, não ousaria dizer que são teoria: existe da análise uma teoria? Sim, certamente. Não estou seguro de que a minha seja a melhor.

Depois de muito refletir, distingi dois fundamentos. A referência ao corpo, em primeiro lugar. Se pode perceber, pela análise, que ela não apreende do corpo senão o que existe de mais imaginário.

Um corpo, isso se reproduz por uma forma.

Forma que se manifesta no fato de que esse corpo se reproduz, subsiste e funciona totalmente sozinho.

De seu funcionamento não temos a menor informação.

Nós o aprendemos como forma.

Nós o apreciamos como tal por sua aparência.

Esta aparência do corpo humano, os homens a adoram.

Ele adoram, em suma, uma pura e simples imagem.

Eu comecei a colocar o acento sobre o que Freud chama narcisismo, *id est*⁷⁸ o nó fundamental que faz que, para que se dê uma imagem ao que se chama o mundo, o homem o conceba como esta unidade de pura forma que representa para ele o corpo.

A superfície do corpo, é daí que o homem tomou a ideia de uma forma privilegiada. E sua primeira apreensão do mundo foi a apreensão de seu semelhante.

Depois que ele viu este corpo, o abstraiu, fez dele uma esfera: a boa forma. Isto reflete a bolha, a bolsa de pele⁷⁹. Mais além dessa ideia de saco envelopado e

⁷⁸ Originalmente em latim. Significa “isto é”.

⁷⁹ Lacan usou essa ideia na sua segunda conferência em Yale: “O corpo tem por propriedade de que se o vê, e mal. Se crê que é uma bolha, uma bolsa de pele”.

envelopante⁸⁰ (o homem começo por aí), a ideia da concentricidade das esferas foi sua primeira relação com a ciência como tal. Na ciência grega, nós vemos esta harmonia das esferas que, agora, produz pouca surpresa e sobre a qual se pode dizer com Pascal que ela não existe mais.

"O centro está em toda parte e a circunferência em nenhum lugar"⁸¹, diz Pascal. Isso não quer dizer que ele tenha razão: o centro não está em toda parte. Isso quer dizer que devemos apreender alguma coisa de outra ordem que o espaço esférico.

Não é certo que a imagem da circunferência seja a melhor representação de uma esfera, e é assim que fui levado a franquear uma via, a saber, que o círculo não é a imagem correta de uma esfera, é a imagem de uma esfera quando se a secciona, quer dizer, quando se a planifica.

A folha de papel em que desenhamos é muito sensível; não podemos fazer nada melhor do que planificá-la.

Está planificada na medida em que avançamos no mundo, tende a desgastar-se como se esta superfície sobre a qual projetamos tudo o que nos rodeia tivesse furos.

E o círculo se caracteriza por fazer furo. Contragolpe: a ideia matemática da topologia. No mundo não existem só círculos. Mas estes círculos, entre eles, se pode fazer nó. É por aí que começou a topologia. Foi por esses nós que me foi possível fazer laço com o que é a nossa prática.

⁸⁰ Os significantes são "*enveloppé et enveloppant*", que poderia ser traduzido também por "envolvido e envolvente" ou por "embrulhado e embrulhante."

⁸¹ "A composição de Lacan está assim: "*Le centre est partout et la circonférence nulle part*". Já a sentença de Pascal é ligeiramente diferente: "O universo é uma esfera infinita cujo centro está em toda parte, a circunferência em parte alguma". PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo, Martins Fontes, 2001, p. 79.

Estes nós, se há consistência fechada, circular, representável, destes três termos que eu franqueei, à partir de Freud, é:

- Da captura à partir *da forma*⁸² do corpo.
- Deste uso da palavra, surpreendente, qualquer que seja a ideia que se possa fazer do que condiciona no humano o fato de que ele fale (esta é outra consistência).

Nós devemos perceber que o que chamamos a lógica não tem outro suporte que o *logos*⁸³. O estranho: nós percebemos muito mal e muito pouco que esta lógica é circular. Ela não se sustenta, não se substantifica, esta lógica, senão por fazer círculo. O círculo vicioso, esse é o bê-á-bá da lógica.

Desde o momento que é da linguagem que partimos, é à linguagem que voltamos. Como, à partir daí, nos imaginamos tocar um real que seria um terceiro círculo, por assim dizer, sua forma circular, é o que nos escapa.

Do real que seja totalmente do real, isso...

Os primeiros tracejados da ciência mostram o real para o olho humano como aquilo que voltaria sempre no céu ao mesmo lugar: as estrelas ditas fixas (totalmente errado porque elas giram e, se elas giram, é porque somos nós que giramos). Isso não é evidente de imediato.

Não há outra definição possível do real que: é o impossível; quando alguma coisa se encontra caracterizada como o impossível, é somente o real; quando alguém colide, o real, é o impossível de penetrar.

Nós sonhamos que ele seja elástico. É por isso que fui levado a escrever de outra forma, o termo existência: existência⁸⁴. Isso que se bate com alguma coisa e isso contra o

⁸² “*La forme*” está em itálico, no original.

⁸³ Idem nota anterior.

⁸⁴ “*Ex-sistence*”.

qual alguma coisa se bate, são precisamente as outras consistências.

Estes três termos:

- Aqueles que imaginamos como uma forma.

- Aqueles que tomamos como circulares na linguagem.

- E esta ex-sistência tanto no imaginário como na linguagem, me levaram à valorização daquilo pelo qual se enodam entre si.

Em todo caso, é prática.

Esta á uma corda, um fio trazido por mim. Isso me ajudou ao menos nesta prática.

A estes três círculos, eu os nomeio, mas sua ordem não é indiferente. Colori-los introduz uma distinção, indica que são diferentes

I, R, S, estão destacados. Isso se vê pelo fato de que estão sobrepostos:

- Em primeiro lugar I,

- Por baixo R,

- Por baixo S.

O S passa por baixo dos outros dois círculos. Tudo se passa como se os três círculos fossem independentes.

Então, o círculo que os enoda deve:

- Apanhar o círculo que está em baixo,

- Passar duas vezes por cima de I,

- Voltar àquele que está por baixo para prendê-lo passando por baixo (figura 1).

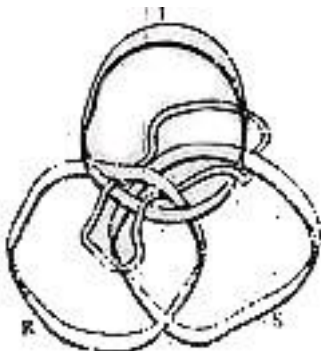


Figura 1⁸⁵

Passagem por cima do de cima, por baixo do de baixo, fundamental; esta figura 1 é exatamente a mesma que a figura 2; para obtê-la é suficiente afastar um pouco o anel S.

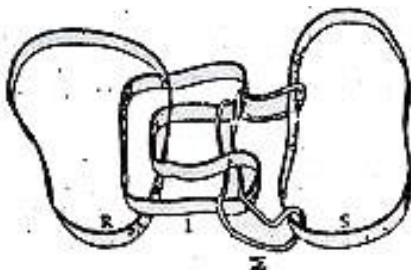


Figura 2

Sobre outro desenho, se pode dos três círculos fazer três retas.

⁸⁵ A versão que usamos como base para esta tradução agrupa todas as figuras num espaço só. Nós, contudo, preferimos adequá-las ao texto e na sequência em que Lacan as apresenta.

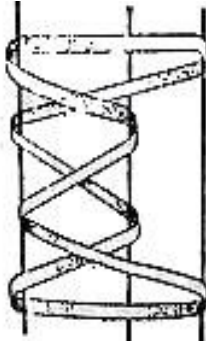


Figura 3

A figura tem quatro círculos, a figura 2, eu a chamo figura da realidade psíquica e Σ é o sintoma.

O sintoma, é a nota própria da dimensão humana.

Deus pode ter sintomas, mas seu conhecimento é provavelmente de ordem paranoica. Um Deus que criou o mundo com palavras, nos perguntamos qual pode ser sua consistência.

A especificidade da figura 2 é que isso faz círculo: $\Sigma + S$, o que faz um novo tipo de S. O sintoma faz tanto que faz parte do inconsciente. A linguística é o que especifica o que nós interpretamos como sintoma.

Na interpretação fazemos circularidade com o Σ , damos seu pleno exercício ao que se pode suportar da língua, já que aquilo que o analisante dá sempre testemunho, é de seu sintoma.

Não há melhor maneira de marcar a pura diferença do que com cor⁸⁶; assim neste enodamento particular, o colorido faz sensível que existem duas espécies de nós borromeus impossíveis de confundir.

É suficiente que exista um anel que se rompa para que os outros dois fiquem livres, diferenciando o nó da

⁸⁶ No original os nós são, como aqui, monocromáticos. Mas é simples entender a que se refere Lacan pois num nó borromeu de três, as consistências não se distinguem e, por isso, se equivalem.

cadeia onde só a ruptura de um círculo do meio libera as extremidades.

É fácil de perceber que este nó borromeu pode ter tantos anéis quanto se queira.

Me contento com quatro.

O nó de três termos R, S, I, não é só ele. Não podemos nos contentar com ele, pois ao não ser distinguíveis, estes três termos poderiam passar para uma nova forma de imaginário, de real, até de simbólico: sem as matemáticas nós não perceberíamos que estes três são trinitários.

A Trindade, nós a reencontramos o tempo todo. Especialmente no campo sexual. Não é só um indivíduo que o fixa, mas também um outro; isso está marcado na experiência da análise pelas relações clínicas (clínicas, o analisante está sobre um divã, se trata de um certo *clinamen*⁸⁷, conforme Lucrécio e os epicuristas em seu nominalismo⁸⁸)

O pretenso mistério da Trindade divina reflete o que está em cada um de nós, e aquilo que o ilustra melhor é o

⁸⁷ *Clinamen* ou *Clinâmen* é o nome que Lucrécio dá ao desvio – é a esse desvio que Lacan se refere – imprevisível dos átomos, a partir da doutrina atomista de *Epicuro*. Assim, em seu *Livro II, Da Natureza*, escreve: “Quando os átomos estão sendo forçados a cair, no vácuo, pelo seu próprio peso, ocorre que, em algum tempo e lugar imprevisíveis, fazem um ligeiro movimento para um lado, o bastante para ser chamado de mudança de direção. Se não o fizessem, continuariam a cair pelo vazio sem fundo em linhas retas, como gotas de chuva; daria à luz coisa alguma. Por isso, insisto repetidamente em que os átomos devem ser capazes de desvio” (LUCRÉCIO CARO, Tito. *Da Natureza*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 121)

⁸⁸ O Nominalismo é, segundo Lalande, “a doutrina segundo a qual não existem ideias gerais mas somente signos gerais” (LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 735) ou seja, as ideias não tem nenhuma existência real sendo apenas signos linguísticos (nomes). Essa “concepção de mundo” está em consonância com os epicuristas que pleiteiam a não existência de nenhuma realidade a não ser a sensível.

conhecimento paranoico. Freud dizia que a análise era uma "paranoia racional"⁸⁹; existe esta face na análise.

Por ela só, a análise confirma que os melhores representantes destas três categorias, R, S, I, são doidos. Os loucos de pedra⁹⁰ não duvidam um só instante de estarem no real.

Isso poderia se prestar a um leve gracejo concernente à divina Trindade, porque a divina Trindade, isso não é tão doido, se louca-a-deus⁹¹.

É precisamente por isso que deve haver um quarto termo.

Sintoma e inconsciente: parafuso sem fim. E não se chega jamais a desrrecalcar⁹² tudo: *Urvendrängung*⁹³: há um furo.

Isso é porque existe um nó e algum real que permanece ali no fundo.

⁸⁹ “*Paranoïa raisonnée*”, entre aspas, no original. Poderia também ser vertida para “paranoia fundamentada, estruturada”. Vele a pena, sobre isso, consultar o início da primeira conferência que Lacan dá na Universidade de Yale.

⁹⁰ “*Raides-fous*”, no original, que literalmente seria algo como “rigidamente louco”.

⁹¹ Lacan faz aqui um jogo - ou “*gaudriole*” - entre “*dingue*” (doido, louco) e um neologismo, “*dieu-ingue*”, intraduzível, no final das contas. O que procuramos, contudo, foi enfatizar o sentido da expressão em consonância com aquilo que a antecede, ou seja, o fato da indistinguilidade entre RSI, a trindade, ser o apanágio da loucura, como se demonstra pelo nó de trevo trabalhado por Lacan nas aulas de 9 e 16 de Dezembro de 1975, no seminário *O Sinthoma*. Assim se se louva à Deus - e vale lembrar o seminário *da Angústia* e os comentários de Lacan sobre o louva-a-deus fêmea (aula de 14 de Novembro de 1962) - a loucura (a perda da cabeça) *à trois* fica *aquartelada*, contida, amarrada, enfim, pela quarta consistência.

⁹² Sendo “*réfoullé*”, recalçado (de “*refoulement*” - recalçamento, recalque), “*défoullé*” ficou desrrecalcar.

⁹³ Recalque originário, em alemão.

Perguntas e Respostas

1. - Pergunta a Roman Jakobson:

Eles vem de *illis*.

Dois de *duo*⁹⁴.

O fonema está destinado a arrebatar o equívoco ou isto é casual para a orelha francesa?

Não é este equívoco (que é aquele sobre o qual joga a interpretação) aquilo que faz círculo do sintoma com o simbólico?

Pois, intervindo de uma certa maneira sobre o sintoma, se o pode equivocar.

Há uma vertente da linguística tratável como tal?

Esta seria a vertente que é sempre aquela à qual um analista dever ser sensível: *o fun*⁹⁵.

Resposta:

Existem numerosos trabalhos sobre este assunto, em particular sobre as línguas indianas. Jackson, especialista em afasias, escreveu sobre o trocadilho. Existem línguas formalizadas (artificiais) que não fazem trocadilho. E a gramática tende a atualizar o trocadilho.

2. - Lacan no quadro-negro.

A figura 1 é plana? Para o quarto anel, é necessário perfurar. Os nós, isso se imagina e, mais exatamente, isso não se imagina. Os nós são a coisa a qual o espírito é mais rebelde. Isto é tão pouco conforme ao lado envelopado-envelopante de tudo que visa o corpo, que eu considero que

⁹⁴ “*Illis*” (“*illis*”, para ser mais exato, ou seja, eles, pronome dativo, no plural) e “*duo*”, em latim, no original.

⁹⁵ Assim mesmo, no original.

isso se quebra na prática dos nós, quebra a inibição. A inibição: o imaginário seria formado de inibição mental.

O significante não é o fonema.

O significante, é a letra. Apenas a letra faz furo.

3. - Pergunta do Sr. Quine:

E a finalidade⁹⁶ da análise é desfazer o nó?

Resposta:

Não, isso se mantém firme.

Se poderia argumentar que se Freud demonstra alguma coisa é que a sexualidade faz furo, mas o ser humano não tem a menor ideia do que é isso.

Uma mulher se presentifica para o homem por um sintoma; uma mulher, é um sintoma para o homem.⁹⁷

4. A alma:

A única coisa que me parece substantificar a alma é o sintoma.

O homem pensaria com sua alma. A alma seria a ferramenta do pensamento. O que é que a alma faria com esse pretensa ferramenta?

⁹⁶ “*Le but de l’analyse*” pode também ser traduzido por “o objetivo da análise”.

⁹⁷ Nos parece interessante apontar o desenvolvimento dessa asserção na aula de 17 de Fevereiro de 1976, do seminário *O Sintoma*: “o sintoma é, muito precisamente, o sexo ao qual não pertencço, isto é, uma mulher. Se uma mulher é um sintoma para todo homem, fica absolutamente claro que há necessidade de encontrar um outro nome para o que o homem é para uma mulher, posto que o sintoma se caracteriza justamente pela não-equivalência.

Pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que o sintoma. (...) Trata-se mesmo de uma devastação”.

A alma do sintoma é alguma coisa dura, como um osso.

Nós cremos pensar com nosso cérebro.

Eu, eu penso com meus pés, é só ali que eu encontro alguma coisa de dura; as vezes eu penso com os músculos da testa, quando me bato.

Já vi suficientes eletroencefalogramas para saber que não há nenhuma sombra de pensamento.

5. - Os nós tem três dimensões?

Exatamente. O *more geométrico*⁹⁸, o pensamento geométrico negligencia inteiramente a realidade do espaço. Nós cremos conhecer alguma coisa da terceira dimensão por causa da visão binocular, mas funcionamos sempre em duas dimensões.

6. - Pergunta do Sr. Quine:

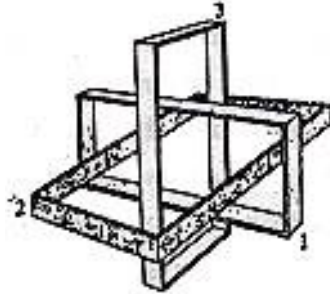
⁹⁸ No seminário *Les Non-Dupes Errent* Lacan falará constantemente do *more geométrico*. Por exemplo, na aula de 13 de Novembro de 1973: “*More geométrico*. A geometria, finalmente, a mais desajeitada da terra, a que lhes ensinaram na escola. A que corta o espaço: com a serra vocês cortam o espaço em dois, e então, depois disso, vocês cortam a sombra de um corte através de uma linha e, em seguida, marcam um ponto”.

Ou na sexta aula, de 15 de Janeiro de 1974: “Há Um (*Yad'lun*) como me expressei. Mas é inteiramente imaginável que o três não seja tomado nesta ordem. Isto não é novo - hein? -: o famoso triângulo de que partiram os gregos - partiram, vocês sabem de onde - repousa nisso, e com ele, toda a geometria que extraíram de lá e pela qual, durante muito tempo, a ideia clara foi primeira com respeito ao distinto. A ideia clara e distinta, como se diz. Por meio da qual é ainda *more geométrico* e que se demonstrou durante séculos, e que ela foi um ideal que ainda continua. O vínculo da medida com o fenômeno da sombra - destaque fenômeno - é dizer, com o Imaginário enquanto que este supõe a luz, instaurando essa ordem que se chama harmônica, instaurando, fundando tudo o que tem a ver com a proporção, com uma proporção que era o único fundamento da medida e instaurou uma ordem, ordem esta que serviu para construir uma Física” (Tradução nossa).

Os modelos sólidos nos dão uma ideia da terceira dimensão. É somente a visão que lhe falta.

Resposta:

Se pode representar a terceira dimensão pela esfera armilar⁹⁹, mas ninguém pensou nesta figura aqui:

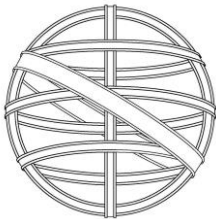


Os modelos dificilmente nos colocam na terceira dimensão. Nós vivemos em cubos, pensamos estar em esferas.

Nada há de menos certo de que tenhamos um interior.

Os dejetos até podem vir do interior, mas a característica do homem é que ele não sabe o que fazer com seus dejetos.

⁹⁹ Eis uma esfera armilar:

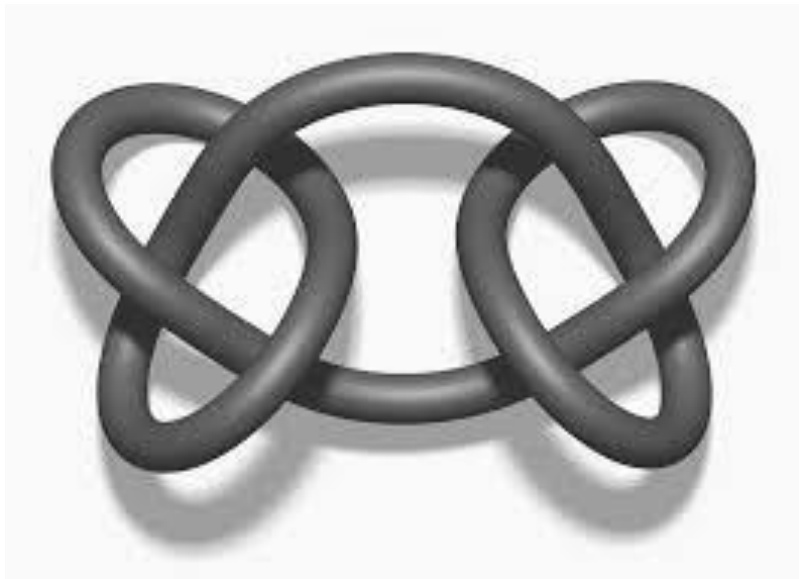


Lacan, na segunda aula do seminário *O Sinthoma*, usa uma mais simples, com apenas três anéis, mas o princípio é o mesmo pois nenhum de seus anéis está preso aos outros.

A civilização, é o dejetos, *cloaca maxima*¹⁰⁰.

Os dejetos são a única coisa que testemunha que temos um interior.

¹⁰⁰ Em itálico e em latim, no original. *Cloaca máxima* é a antiga rede de esgotos de Roma.



Jacques Lacan
Improviso sobre o Discurso Analítico¹⁰¹

¹⁰¹ Esse “*impromptu*” foi proferido na sequência da conferência no MIT.

$$\frac{a}{S_2} \quad \frac{\S}{S_1}$$

S1, é por isso que se representa o sujeito: uma palavra, o falasser. É enquanto o sujeito diz não importa o que que isso vai ao lugar da verdade.

$$S_2 \longleftarrow S_1$$

O analista é encarnado por um semblante de (a); em suma ele é produzido pelo dizer da verdade, tal como se faz na relação S1 → S2. O analista é, de alguma forma, uma queda desse dizer e, enquanto tal, ele faz semblante de "compreender"¹⁰², e é nisso que ele intervém ao nível do inconsciente.

$$S_1 \longrightarrow S_2 \downarrow a$$

A verdade é caracterizada pelo fato de S2: o analista não diz mais que palavras; aquele que é suposto saber alguma coisa, é o analista: pura suposição, é claro.

Este S2, o que o analista é suposto saber, não é jamais completamente dito; não é dito mais que sob a forma de meio-dizer¹⁰³ da verdade.

É por esse discurso analítico que eu faço a distinção entre o que é enunciado e um tipo de meio-dizer.

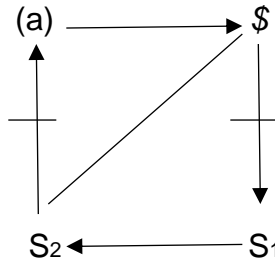
¹⁰² Entre aspas, no original, para marcar que, de compreensão, o analista deve carecer.

¹⁰³ “*Mi-dire*”, no original, para enfatizar que a verdade é sempre “não-toda” (LACAN, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 11)

É na medida em que o analista é esse semblante de dejetivo (a) que ele intervém ao nível do sujeito S^{104} , quer dizer, do que é condicionado:

1. Por isso que ele enuncia.
2. Por isso que ele não diz.

semblante de dejetivo (silêncio)

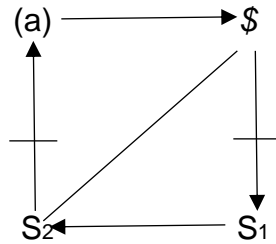


isso que ele enuncia

meio-dizer da verdade

isso que ele não diz

semblante de dejetivo (silêncio)



saber inconsciente

meio-dizer da verdade

o que o inconsciente produz, mais de gozar

falasser

O silêncio corresponde ao semblante de dejetivo.

¹⁰⁴ Sem a tradicional barra, no original.